

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP
Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Araraquara

Sarah Cristina Pavarina Chiodi

O estudo da coordenação na Língua Brasileira de Sinais:
Aspectos sintáticos e semânticos em análise

Araraquara

2025

Sarah Cristina Pavarina Chiodi

O estudo da coordenação na Língua Brasileira de Sinais:

Aspectos sintáticos e semânticos em análise

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Área de Concentração: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática.

Orientadora: Profa. Dra. Angélica Terezinha Carmo Rodrigues.

Araraquara

2025

C539e

Chiodi, Sarah Cristina Pavarina

O estudo da coordenação na língua brasileira de sinais : aspectos sintáticos e semânticos em análise / Sarah Cristina Pavarina Chiodi. -- Araraquara, 2025

109 p. : tabs., fotos

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara

Orientadora: Angélica Rodrigues

1. Língua de sinais. 2. Língua Brasileira de Sinais. 3. Linguística de corpus. 4. Análise linguística. 5. Sintaxe. I. Título.

Sarah Cristina Pavarina Chiodi

O estudo da coordenação na Língua Brasileira de Sinais:

Aspectos sintáticos e semânticos em análise

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Área de Concentração: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática

Data da defesa: __30__ / __05__ / __2025__

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Angélica Terezinha Carmo Rodrigues
UNESP - Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara

Prof. Dra. Heloise Gripp Diniz
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Prof. Dr. Rodrigo Nogueira Machado
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Anderson Almeida Da Silva
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Prof. Dra. Rosane De Andrade Berlinck
UNESP - Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara

Dedico esta dissertação à minha avó,
Ignez Munhaes Pavarina.
Mulher de força,
que vive em mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, que em nenhum momento deixou de me apoiar e aos meus sonhos, e que me acompanhou e acompanha em todos os momentos, torcendo pelo meu sucesso.

Agradeço à minha orientadora, Angélica Rodrigues, mulher maravilhosa e inspiradora, pelo apoio durante toda a pesquisa, desde a graduação até o mestrado, sendo presença importantíssima na minha jornada tanto profissional quanto pessoal.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, a todos os técnicos e professores que contribuíram para minha formação, auxiliando e apoiando o processo de trabalho e estudo.

Agradeço à Faculdade de Ciências e Letras, por tudo que me proporcionou ao longo desses sete anos, entre graduação e mestrado, e se constitui como parte fundamental da minha história, onde pude conhecer pessoas maravilhosas, professores incríveis e ver o mundo por lentes diversas.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo realizar uma investigação sobre as orações complexas coordenadas na língua brasileira de sinais (libras). Tendo em vista dados espontâneos coletados do *Corpus de Libras* da Universidade Federal de Santa Catarina e do minicópus do Grupo de Pesquisa em Línguas de Sinais da Unesp (SingL), analisamos como as relações coordenativas de adição, disjunção e contrajunção são expressas, considerando aspectos sintáticos, relativos à presença ou não de conjunção, *TAMBÉM* (adição), *OU* (disjunção) e *MAS* (contrajunção), aspectos prosódicos, relativos ao uso de marcadores não-manuais (MNM) e aspectos semânticos, relacionados à construção de sentido nas sentenças coordenadas. Nosso arcabouço teórico parte principalmente de pesquisas sobre a libras (Silva, 2019; Rodrigues, 2022; Quadros, 2004; Quadros et al., 2023) e em outras línguas de sinais, como a Língua de Sinais Americana e a Língua de Sinais Catalã (Liddell, 2003; Davidson, 2013; Pfau, 2016; Zorzi, 2018) e de estudos sobre a coordenação nas línguas orais (Haspelmath, 2004), sobretudo do português (Neves, 2000; Pezatti; Longhin-Thomazi, 2008; Castilho, 2016). Nossa metodologia consiste no levantamento das frequências *type* e *token* (Bybee, 2003) dos três tipos oracionais em análise, com a comparação dos resultados encontrados na libras com outras línguas de sinais, a fim de que possamos oferecer resultados que possam se somar aos estudos descritivos da libras, em particular, e das línguas de sinais, de modo mais amplo.

Palavras-chave: línguas de sinais; língua brasileira de sinais; coordenação; conjunção coordenada.

ABSTRACT

The aim of this research is to investigate complex coordinated clauses in Brazilian Sign Language (libras). Using spontaneous data collected from the Corpus of Libras of the Federal University of Santa Catarina and the minicorpus of the Unesp Sign Language Research Group (SingL), we analyzed how the coordinative relations of addition, disjunction and contrajunction are expressed, considering syntactic aspects, related to the presence or absence of the conjunction, also (addition), or (disjunction) and but (counterjunction), prosodic aspects, related to the use of non-manual markers (NMM) and semantic aspects, related to the construction of meaning in coordinated sentences. Our theoretical framework is based mainly on researches about the libras (Silva, 2019; Rodrigues, 2022; Quadros, 2004; Quadros et al., 2023) and on research into other sign languages, such as American Sign Language and Catalan Sign Language (Liddell, 2003; Davidson, 2013; Pfau, 2016; Zorzi, 2018) and studies into coordination in oral languages (Haspelmath, 2004), especially Portuguese (Neves, 2000; Pezatti; Longhin-Thomazi, 2008; Castilho, 2016). Our methodology consists of surveying the type and token frequencies (Bybee, 2003) of the three orational types under analysis, comparing the results found in libras with other sign languages, so that we can offer results that can add to descriptive studies of libras, in particular, and sign languages, more broadly.

Keywords: sign languages; brazilian sign language; coordination; coordinated conjunction.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – BUT (LSC)	32
Figura 2 – OR (LSC)	32
Figura 3 - MAS1 (libras)	33
Figura 4 – OU (libras)	33
Figura 5 – <i>COORD-L</i> (ASL)	34
Figura 6 – <i>COORD-SHIFT</i> (ASL)	34
Figura 7 – TAMBÉM	35
Figura 8 – TAMBÉM2	35
Figura 9 – MAIS1	36
Figura 10 – MAIS2	36
Figura 11 – MAIS3	36
Figura 12 – MAS1 no dicionário de libras	38
Figura 13 – MAS2 no dicionário de libras	38
Figura 14 – MAS3 no dicionário de libras	38
Figura 15 – MAS1	39
Figura 16 – MAS2	39
Figura 17 – MAS2'	39
Figura 18 – OU no dicionário de libras	41
Figura 19 – OU	42
Figura 20 – TAMBÉM (libras)	45
Figura 21 – <i>Mouthing</i> de “o” (LSC)	46
Figura 22 – <i>Mouthing</i> de “o” (libras)	46
Figura 23 – Direção do olhar para a esquerda (LSC)	47
Figura 24 – Direção do olhar para a direita (LSC)	48
Figura 25 – Imagem do exemplo (32)	49

Figura 26 – Imagem do exemplo (33)	49
Figura 27 – MNM de MAS1 (libras)	50
Figura 28 – MNM de MAS2 (libras)	50
Figura 29 – <i>THREE-LIST</i> (BOIA-3) (ASL)	55
Figura 30 – Imagem do ELAN	60
Figura 31 – Imagem das trilhas do ELAN	60
Figura 32 – Conjunção manual TAMBÉM	62
Figura 33 – Conjunção manual MAIS1	62
Figura 34 – Conjunção manual MAIS3	63
Figura 35 – Conjunção manual OU	63
Figura 36 – Conjunção manual MAS1	64
Figura 37 – Conjunção manual MAS2	64
Figura 38 – IX(um)	83
Figura 39 – IX(médio) BOIA2	83
Figura 40 – IX(indicador)	85
Figura 41 – IX(médio) BOIA3	86
Figura 42 – MAS1 (50)	99
Figura 43 – MAS2 (50)	99

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dados do <i>Corpus de Libras</i>	66
Tabela 2 – Dados do Minicorpus do <i>SignL</i>	67
Tabela 3 – Ocorrências de adição <i>Corpus de Libras</i>	67
Tabela 4 – Ocorrências de adição <i>SignL</i>	68
Tabela 5 – Ocorrências de disjunção <i>Corpus de Libras</i>	68
Tabela 6 – Ocorrências de disjunção <i>SignL</i>	69
Tabela 7 – Ocorrências de contrajunção <i>Corpus de Libras</i>	69
Tabela 8 – Ocorrências de contrajunção <i>SignL</i>	69
Tabela 9 – Tipos de contrajunção <i>Corpus de Libras</i>	70
Tabela 10 – Tipos de contrajunção <i>SignL</i>	70
Tabela 11 – Ocorrências com <i>mouthing</i>	71
Tabela 12 – Ocorrências com <i>COORD-SHIFT</i>	72

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Marcadores não-manuais

73

LISTA DE ABREVIATURAS

APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

ASL – American Sign Language (Língua de Sinais Americana)

BSL – British Sign Language (Língua de Sinais Britânica)

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

DGS – Deutsche Gebärdensprache (Língua de Sinais Alemã)

FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

FinSL – Finnish Sign Language (Língua de Sinais Finlandesa)

HKSL – Hong Kong Sign Language (Língua de Sinais de Hong Kong)

INDL – Inventário Nacional da Diversidade Linguística

libras – Língua Brasileira de Sinais

LS – Língua de Sinais

LSC – Língua de Sinais Catalã

MNM – Marcadores não-manuais

SignL – Grupo de Pesquisa em Línguas de Sinais da Unesp

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

CONVENÇÃO DE GLOSAS

/: sinal interrompido

//: interrupção feita pelo próprio sinalizante

_ e +: tempo (quando um sinal é produzido de forma mais longa)

XXX: sinal não identificado

YYY: sem tradução

Glosas numeradas: variação do sinal

IX (index): apontação para pessoas, objetos e localizações (pronomes)

DEM: pronome demonstrativo

POSS: pronome possessivo

DV: Verbos descritivos (classificadores)

SINAL(nome): Sinal-Nominal

SINAL(xxx): sinal não conhecido

E(ID do emblema): emblema

Marcadores não-manuais (MNM)

_____ m (palavra): *mouthing*

_____ mov.corpo: *coord-shift*

_____ mov.cab.: movimento da cabeça

_____ arq. sob.: arqueamento das sobrancelhas

_____ fran.sob.: franzir das sobrancelhas

_____ lábios curv.: lábios curvados para baixo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	16
2. ORAÇÕES COMPLEXAS: A COORDENAÇÃO E SEUS PROCESSOS DE ARTICULAÇÃO DE TERMOS E SENTENÇAS.....	21
2.1 ADIÇÃO.....	21
2.2 DISJUNÇÃO.....	24
2.3 CONTRAJUNÇÃO.....	27
2.4 MODOS DE JUNÇÃO.....	31
2.4.1 CONJUNÇÕES.....	31
2.4.2 MARCADORES NÃO-MANUAIS.....	44
2.4.3 BOIA (LIST-BUOYS).....	51
3. METODOLOGIA.....	58
3.1 COLETA DE DADOS.....	58
4. ANÁLISE DE DADOS.....	66
4.1 DESCRIÇÃO DOS DADOS COLETADOS.....	66
4.1.1 OCORRÊNCIAS POR TIPO DE COORDENAÇÃO.....	67
4.3. COORDENAÇÃO DISJUNTIVA.....	86
4.4. COORDENAÇÃO ADVERSATIVA.....	95
5. CONCLUSÃO.....	103
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	107

1. INTRODUÇÃO

Em pesquisa anterior (Chiodi, 2019, 2021)¹, investigamos, na interação comunicacional dos surdos, como se coordenam as estruturas oracionais para expressarem o sentido de alternância ou de escolha e observamos como se caracterizam os marcadores não-manuais (MNM) e as conjunções manuais que compõem e marcam a relação de disjunção. Nesta pesquisa, ampliamos o estudo da coordenação propondo uma análise também das orações aditivas e adversativas, com o objetivo de apresentar uma descrição mais consistente do processo de coordenação em Língua Brasileira de Sinais (libras) a partir da análise de dados espontâneos. Analisaremos se as relações de coordenação se dão com conjunção ou por justaposição e quais marcadores não-manuais são utilizados pelos sinalizantes surdos nesses contextos, junto ao tipo de sentido veiculado pelas sentenças coordenadas, dedicando-nos, portanto, aos aspectos sintáticos e semânticos da coordenação.

Entendemos como fundamental continuar os estudos descritivos da libras, de modo a reforçar e a garantir seu *status* de língua natural e seu reconhecimento enquanto língua da comunidade surda brasileira. O reconhecimento das línguas de sinais enquanto línguas das comunidades surdas se entrelaça com a luta histórica das comunidades por visibilidade, aceitação de suas identidades enquanto sujeitos surdos e de direitos. O estudo da sintaxe dessas línguas não apenas contribui para o avanço da linguística enquanto campo de estudos, mas também fortalece a reivindicação dos surdos por um espaço de equidade e respeito nas esferas educacional e social.

O objetivo geral de nossa pesquisa é analisar dados espontâneos de surdos em interação, a fim de verificar os mecanismos de veiculação sintática, como o uso de conjunções, prosódica, associados ao uso de MNMs nos contextos da coordenação aditiva, alternativa e adversativa na libras e semântica, quais os sentidos veiculados pelo uso da conjunção e da justaposição na construção dessas relações coordenadas. Nossos objetivos específicos são aferir a frequência dos modos de vinculação, ou seja, por justaposição ou por uso de sinais manuais, como conjunção, das estruturas coordenadas com valores de adição, disjunção e contrajunção (inclusivas e exclusivas); investigar a ocorrência de marcadores não-manuais associados à coordenação aditiva, disjuntiva e adversativa; analisar a ocorrência

¹ Iniciação Científica financiada pela Fapesp (Processo 2019/03307-6 e Processo 2020/06329-8).

das conjunções manuais em contexto de adição na libras, como MAIS² e TAMBÉM, de disjunção, OU, e contração MAS.

Buscamos, em nossos estudos, observar os aspectos sintáticos e semânticos de outras línguas de sinais, como a Língua de Sinais Catalã (LSC) e a Língua de Sinais Americana (ASL), para uma análise comparativa, a fim de ampliar nosso entendimento sobre como se estabelece a relação de disjunção nas línguas de sinais e quais as características que definem essa relação na libras. Para isso utilizaremos, como fundamentação teórica, os trabalhos de Liddell (1980, 2003), Davidson (2013), Zorzi (2018) e Quadros et al. (2023). Para complementar o estudo da coordenação também faremos uso de estudos em línguas orais, de modo a apresentar um panorama geral da coordenação nas línguas naturais, com as publicações de Lakoff (1971), Haspelmath (2004), Mauri (2008) e Pezatti, Longhin-Thomazi (2008).

As pesquisas desenvolvidas sobre as línguas de sinais são, em relação às línguas orais, muito recentes. Os primeiros estudos se deram na Europa, no século 19, com educadores de surdos, que, em sua maioria, utilizavam métodos oralistas e focaram na produção de dicionários de letras sinalizadas e no uso da datilologia, misturando a gramática das línguas orais com os sinais. Com o Congresso de Milão (1880), que proibiu o uso das línguas de sinais no ensino de surdos e a sinalização nos institutos, as línguas de sinais (LS) passaram a ser ainda mais desvalorizadas, sobrevivendo, por muito tempo, nesses espaços, em conversas secretas entre os surdos.

Foi somente décadas depois, com William Stokoe (1960) e seus estudos sobre a ASL, nos Estados Unidos, que as línguas de sinais passaram a ser reconhecidas como línguas naturais, complexas e possuidoras de gramáticas próprias, incentivando outros pesquisadores a estudarem as LS. Atualmente, podemos encontrar muitas análises a respeito da ASL, todavia, muitas línguas de sinais ainda precisam ser estudadas e descritas tendo em vista suas propriedades estruturais e contexto sociolinguístico. Em relação a libras, o enfoque se deu, por muito tempo, na educação dos surdos, contando com pouquíssimos trabalhos visando a análise linguística. Sendo assim, são necessárias mais pesquisas que analisem a língua e sua estrutura.

No Brasil, há importantes trabalhos que buscam descrever a Língua Brasileira de Sinais, como o desenvolvido por Lucinda Ferreira, *Por uma gramática de língua de sinais*

² As palavras MAIS, TAMBÉM, OU e MAS estão em maiúscula pois se tratam da glosa em português do sinal em libras. Todos os exemplos das línguas de sinais que utilizaremos em nosso trabalho apresentam a glosa, a representação do sinal, em português ou em inglês, a depender da LS, se brasileira ou estrangeira.

(1995), e o de Quadros e Karnopp, *Língua de sinais brasileira* (2004), além de outros que têm sido desenvolvidos nesses últimos 30 anos. Entretanto, se compararmos com as línguas orais, ainda há muito a ser estudado e poucos trabalhos publicados. Assim, buscamos, com essa pesquisa, contribuir para a área de análise linguística das LS, com a descrição dos processos de coordenação da libras, baseada nos corpúsculos que selecionamos. Em 2019, Cintia Caldeira Silva defendeu sua dissertação sobre a coordenação aditiva e adversativa na libras, pela Universidade Federal de Brasília. Em 2023, foi lançada a *Gramática de Libras*, sob a organização da professora Ronice Quadros, em que são descritos e discutidos os fenômenos linguísticos da libras e sua estrutura, abarcando as orações complexas e os tipos de coordenação.

Rodrigues publicou, sobre as orações coordenadas e subordinadas, no ano de 2019, dois artigos, “As orações adversativas na Língua Brasileira de Sinais: uma abordagem semântico-funcional”, no qual analisa a conjunção MAS, e “Gramaticalização do sinal MOTIVO na língua brasileira de sinais: uma análise baseada no uso”, em que aborda as orações causais. Em 2022, defendeu uma tese de livre docência inédita, cujo tema é a gramaticalização de conjunções na libras, com enfoque nas orações adversativas, causais e condicionais, chamado “Gramaticalização de conjunções na Língua Brasileira De Sinais: um estudo sobre a mudança linguística nas línguas de sinais” (Rodrigues, 2022).

Portanto, nos juntamos aos esforços de outros pesquisadores brasileiros, buscando mostrar a importância de estudarmos as línguas de sinais enquanto línguas naturais, para uma educação bilíngue e de qualidade, visando maior visibilidade para a comunidade surda, evidenciando suas manifestações culturais e linguísticas, propiciando, dessa maneira, uma conscientização contra preconceitos e a inclusão dos indivíduos surdos em políticas públicas que respeitem e valorizem sua língua e cultura. É de vital importância saber que há, no Brasil (e em outros países), sob o termo guarda-chuva, comunidade surda brasileira, diversas comunidades surdas, em diferentes localidades, que se espalham por todo o território nacional, em grandes e pequenas cidades, em terras indígenas, em áreas rurais. Dentro de cada comunidade, as identidades surdas³ também são diversas, em que agregam-se, muitas vezes, questões sociais distintas, por estarem relacionadas à raça, classe social, gênero e sexualidade.

A dissertação se organiza em cinco seções, com a Introdução, seções 2, 3, e 4, e a Conclusão. Discutiremos em 2. “Orações complexas: a coordenação e seus processos de articulação de sentenças”, os estudos que fundamentaram nossas discussões, apresentando os

³ Ver o capítulo “Identidades surdas”, de Gladis Perlin, no livro *A surdez: um olhar sobre as diferenças*, de Carlos Skliar (org.)

conceitos fundamentais para nossa pesquisa, divididos em 4 subseções, 4.1 (Adição), 4.2 (Disjunção), 4.3 (Contração) e 4.4 (As conjunções na libras). Abordaremos estudos sobre a coordenação nas línguas naturais, assim abarcando tanto trabalhos em línguas orais, principalmente o português, quanto em línguas de sinais, com pesquisas sobre a Língua de Sinais Catalã (LSC), a Língua de Sinais Americana (ASL) e a Língua Brasileira de Sinais (libras), segundo os autores, Lakoff (1971), Mauri (2008), Haspelmath (2004), Pezatti e Longhin-Thomazi (2008), Davidson (2013), Zorzi (2018), Liddell (1980, 2003), Pfau (2016), Capovilla (2012), Silva (2019), Rodrigues (2022) e Quadros et al. (2023).

Tanto os exemplos em línguas orais (LO) quanto os em línguas de sinais, presentes na fundamentação teórica, terão marcados, no canto superior direito, entre parênteses, a língua de que se fala, “(inglês)”, “(português)”, “(libras)”, de modo a facilitar a compreensão do leitor, sobretudo de LS estrangeiras, que apresentam a glosa em inglês, como a ASL, a BSL (Língua de Sinais Britânica), e a LSC. Os exemplos em inglês serão acompanhados de tradução em português, e os exemplos em LS estrangeira, como a ASL, BSL e LSC, são constituídos de glosa em inglês, com tradução em inglês original do autor e tradução em português. Os exemplos em libras são acompanhados de glosa em português com tradução em português. Os links para os vídeos dos exemplos em LS estarão nas notas de rodapé, com a numeração correspondente do exemplo no texto. Alguns exemplos de autores estrangeiros de LS não apresentam vídeos, como os exemplos da ASL, em que se tem somente as glosas e a tradução.

Em 3. “Metodologia”, apresentaremos os procedimentos metodológicos e os programas utilizados para a realização da pesquisa. Na subseção 3.1, descreveremos os corpúscos escolhidos, o *Corpus de Libras* da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e o Minicórcpus do Grupo de Pesquisa *SignL*, e explicaremos os processos de coleta, organização e análise dos dados, realizada com o auxílio do Programa ELAN, cujo funcionamento e contribuições para o trabalho desenvolvido também serão devidamente explicitados. Em 3.2, apresentaremos nossa metodologia de análise de dados. Recebemos os vídeos do *Corpus de Libras* já transcritos pela equipe da professora Ronice Quadros, assim as glosas convencionadas, apresentadas na página 10, que serão utilizadas em todos os exemplos de libras, tanto do *Corpus de Libras*, quanto do Minicórcpus, correspondem ao trabalho já desenvolvido por sua equipe na UFSC, contando com a participação de surdos.

Na seção 4, “Análise dos dados”, analisaremos, de maneira quantitativa e qualificativa, ocorrências encontradas nos corpúscos dos três tipos de coordenação. Abordaremos tanto aspectos sintáticos, como a construção de sentenças com o uso de conjunção ou por justaposição e os marcadores não-manuais que podem possuir, nesse contexto, uma função

gramatical, como apontado por Liddell (1980), quanto semânticos, discutindo os significados veiculados pelas sentenças coordenadas, de modo a apresentar um panorama geral, baseado em nossos córpis, sobre a coordenação na libras. Em 4.1, apresentaremos o total de dados encontrados em cada córpis e o total de dados encontrados em relação a cada tipo de coordenação, aditiva, alternativa e adversativa, bem como os MNMs. Em 4.2, discutiremos a coordenação aditiva, em 4.3, a coordenação alternativa e, em 4.4, a coordenação adversativa, com a apresentação de exemplos, vídeos e imagens.

Em “Conclusão”, finalizamos nosso texto, retomando os pontos principais de nossa pesquisa, articulando, em uma breve discussão, o que pretendemos, enquanto pesquisadores, apresentar com o trabalho desenvolvido ao longo do mestrado e se alcançamos os objetivos propostos. Proporemos, por fim, uma reflexão sobre os caminhos possíveis após a finalização do mestrado. Ressaltamos, desde já, a importância do estudo das línguas de sinais do território brasileiro, não somente a libras, reconhecida pela lei 10.436/2002, como língua da comunidade surda brasileira, mas também as línguas de sinais indígenas e de microcomunidades, que, assim como a libras, são parte fundamental da vida, identidade e cultura daqueles que as utilizam.

2. ORAÇÕES COMPLEXAS: A COORDENAÇÃO E SEUS PROCESSOS DE ARTICULAÇÃO DE TERMOS E SENTENÇAS

Segundo Longhin-Thomazi (2006, p. 64) a coordenação se constitui como uma “construção sintática em que duas ou mais unidades funcionalmente equivalentes se articulam, com ou sem nexos explícitos, para a formação de uma unidade ainda maior, da qual emerge uma nova relação de sentido”. A coordenação se divide em três tipos, conjuntivas (aditivas), disjuntivas (alternativas) e adversativas. A relação de coordenação pode ser explícita, ou sindética, com o uso de conjunções, elementos com função conectiva, ou justaposta, ou assindética, quando os mecanismos de ligação entre as sentenças não estão expressos, e “a vinculação entre elas é de natureza semântico/pragmática” (Quadros et al., 2023, p. 109).

Em muitas línguas orais as sentenças coordenadas aditivas são ligadas pela conjunção *e*, as disjuntivas, pela conjunção *ou*, e as adversativas pela conjunção *mas* (Haspelmath, 2004; Neves, 2000; Castilho, 2016). “Em inglês e outras línguas europeias, as conjunções ‘e’ e ‘o’ podem ligar uma gama diversificada de categorias: frases nominais, frases verbais, orações, frases adjetivais, frases preposicionais e outras. A conjunção ‘mas’ está frequentemente confinada às orações” (Haspelmath, 2004, p. 7, tradução nossa)⁴, o que também pode ser observado no português (Pezatti; Longhin-Thomazi, 2008) e na libras (Quadros et al., 2023).

2.1 ADIÇÃO

Na coordenação aditiva, as sentenças coordenadas devem, de algum modo, serem relevantes uma para a outra, mesmo que não necessariamente compartilhem um tópico em comum (Lakoff, 1971). Tais sentenças podem ser simétricas, com a coordenação de orações sintaticamente equivalentes, que podem ter sua ordem alterada (Pezatti; Longhin-Thomazi, 2008), como em (1), ou assimétricas, em que há um nível de hierarquia entre elas, impossibilitando a mudança da ordem sem comprometer o sentido (Lakoff, 1971), como em (2).

⁴ “In English and other European languages, the coordinators 'and' and 'or' can link a diverse range of categories: noun phrases, verb phrases, clauses, adjective phrases, prepositional phrases, and others. The coordinator 'but' is mostly confined to clauses, but this seems to be for semantic reasons” (Haspelmath, 2004, p. 7).

(Português)

- (1) agora, uma escola se compõe de um... um... local em que haja condições do estudante ter aula e do professor dar a sua aula

(Português)

- (2) em função da necessidade de eu assegurar... a caça... e continuar podendo comer

(Pezatti, Longhin-Thomazi, 2008, p. 899)

(Inglês)

- (3) Mary is eating toast and Fred is chasing the aardvark.

Maria está comendo torradas e Fred está perseguindo o porco-formigueiro (tradução nossa).

(Inglês)

- (4) The police came into the room and everyone swallowed their cigarettes.

A polícia entrou na sala e todos engoliram seus cigarros (tradução nossa).

(Lakoff, 1971, p. 127)

Em (3), temos uma oração aditiva simétrica, em que os dois eventos ocorrem simultaneamente, logo, a ordem das orações pode ser alterada na sentença sem alterar o sentido (Mauri, 2008). Em (4), por sua vez, a coordenação é assimétrica, visto que há entre os eventos uma relação de tempo, em que os sujeitos presentes engolem os cigarros após a chegada da polícia. Dada essa relação sequencial, a ordem das sentenças não pode ser alterada sem prejuízo de sentido, como em “todos engoliram seus cigarros e a polícia entrou na sala”, perdendo, dessa forma, seu significado inicial.

(Inglês)

- (5) I came, I saw, I conquered.

Eu vim, eu vi, eu conquistei (tradução nossa).

(Mauri, 2008, p. 60)

- (6) $\begin{array}{cccc} & & \underline{bs+hl\ ipsilat.} & \\ & & \underline{space\ ipsi.} & \\ \underline{re} & \underline{eb} & \underline{re} & \underline{hth} \\ \text{MARINA DANCE JORDI CHAT. (11.20)} & & & \text{(LSC)} \end{array}$
- ‘Marina danced and Jordi chatted.’
- Marina dançou e Jordi conversou* (tradução nossa).⁵
- (Zorzi, 2018, p. 106)

Tanto em (3) quanto em (4) observamos a presença da conjunção “e” coordenando as orações, se tratando, portanto, de dois exemplos de sentenças sindéticas, mas em (5) e em (6), a conjunção não é utilizada, configurando-se em duas sentenças assindéticas. Mesmo sem a presença da conjunção “e” articulando os conjuntos, observamos, em (5), a realização de três eventos, que se adicionam um ao outro, com impacto temporal, visto que primeiro se chegou, depois se viu e por fim se conquistou. Se alterada a ordem dos eventos, muda-se o sentido, por exemplo, “eu conquistei, eu vi, eu vim”.

Em (6), como em (3), há dois eventos simultâneos, isto é, que ocorrem ao mesmo tempo, logo a ordem das sentenças não interfere no sentido veiculado. Mas (6), diferentemente de (5), temos um exemplo da LSC, em que vemos, sublinhado acima da sentença, os MNMs que colaboram para a expressão da relação de coordenação aditiva, mesmo sem o uso da conjunção, como o arqueamento das sobrancelhas (*raised eyebrows - re*), piscar dos olhos (*eye blink - eb*), impulso da cabeça (*head thrust - hth*), movimento do corpo (*body shift - bs*) e a inclinação de cabeça (*head lean - hl*), o que explicaremos com mais detalhes mais adiante. Diferentemente das LO, nas línguas de sinais, o uso de “e” coordenando termos e sentenças não é muito produtivo, tratando-se geralmente de sentenças assindéticas ou justapostas.

- (7) HOUSE BLOW-UP, CAR ꞑCL:3-FLIP-OVER (ASL)
- ‘The house blew up and the car flipped over.’
- A casa explodiu e o carro capotou.* (tradução nossa)

⁵ Exemplo (6): [11.20gl no Vimeo](#) (Zorzi, 2018, p. 106)

- (8) ${}_i\text{GIVE}_1 \text{ MONEY, } {}_1\text{INDEX GET TICKET}$ (ASL)
 ‘He’ll give me the money, then I’ll get the tickets.’

Ele me dará o dinheiro, então eu irei pegar os bilhetes. (tradução nossa)

(Tang; Lau, 2012, p. 343)

Em (7) e em (8), temos outros dois exemplos de coordenação assindética de LS, sem a presença de conjunções. Mesmo sem a conjunção para marcar o tipo de coordenação, podemos inferir que se tratam de dois casos de relação aditiva, já que identificamos dois eventos que estão relacionados um ao outro. O primeiro, (7), é um exemplo de coordenação aditiva simétrica, visto que os eventos, a casa explodir e o carro capotar, acontecem simultaneamente. O segundo, (8), por sua vez, é um caso de coordenação aditiva assimétrica, em que há uma relação de implicação temporal entre os dois eventos, primeiro ele me dará o dinheiro, para então eu pegar os bilhetes. Assim como em (4), nesse tipo de oração, a ordem das sentenças não pode ser alterada ou ela perderá seu sentido original.

2.2 DISJUNÇÃO

A disjunção, assim como a adição, pode ser tanto simétrica quanto assimétrica, a depender do contexto semântico estabelecido pelas orações coordenadas, com maior ou menor dependência entre elas, mesmo que as sentenças sejam sintaticamente independentes, isto é, com sua estrutura argumental completa. A disjunção estabelece uma relação de alternância que pode ser inclusiva ou exclusiva, “cabendo ao contexto a responsabilidade de determinar se se trata de um ou de outro sentido” (Pezatti; Longhin-Thomazi, 2008, p. 19). Com o uso de *ou* simples, que observamos ser o único tipo de ocorrência de *ou* em nossos dados, sem a presença de *ou* duplo, a alternância é exclusiva quando junta duas sentenças negativas (9) e quando liga uma sentença positiva com uma sentença negativa (10), e inclusiva, quando junta duas sentenças afirmativas (11), ou quando liga duas sentenças no escopo da negação (12) (Pezatti; Longhin-Thomazi, 2008).

(Português)

- (9) O Brasil não enviou a contrapartida ou a obra não andou. Por isso o Banco Mundial suspendeu as liberações.

(Português)

(10) se a:: fruta... eh se eles iam conseguir a fruta ou não...

(Português)

(11) são pessoas... distribuídas... nas mais diferentes assessorias... ou nos mais diferentes órgãos...

(Português)

(12) não tem importância que a gente chama de análise ou chama de interpretação o importante é que o processo se realize.

(Pezatti, Longhin-Thomazi, 2008, p. 20)

Mauri (2008) afirma que a relação de alternância se estabelece entre dois eventos paralelos que estão, de alguma forma, relacionados por um elemento comum. Em (13), os eventos “estar preso no trânsito” e “se perder no caminho”, são um conjunto de possibilidades que respondem à questão do que pode ter acontecido com essa pessoa, sendo este o elemento comum dos eventos apresentados. Entretanto, a existência das possibilidades não implica sua ocorrência (Mauri, 2008), pois pode ser uma das alternativas ou nenhuma delas. Em (14), por sua vez, temos um exemplo de sentença assimétrica, em que um evento ocorre em decorrência do outro, com uma implicação temporal. Se a pessoa sair, a outra irá atirar. Não existe uma escolha, pois um evento encadeia o outro, existe a possibilidade da não ocorrência, isto é, se a pessoa permanecer, a outra não irá atirar.

(Inglês)

(13) He got stuck in the traffic or he got lost along the way.

Ele ficou preso no trânsito ou se perdeu no caminho. (tradução nossa)

(Mauri, 2008, p. 157)

(Inglês)

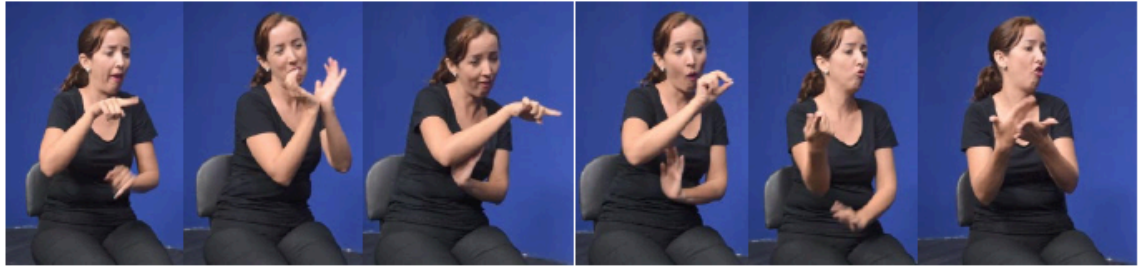
(14) Don't leave or I'll shoot!

Não vá embora ou eu atirarei! (tradução nossa)

(Lakoff, 1971, p. 145)

(15)

(libras)



☞

APAE

DEM (aquele) OU

ESCOLA

É APAE DEM(aquele) OU ESCOLA⁶*Era APAE ou escola ouvinte.*

(Quadros et al., 2023, p. 153)

Em (15) temos um exemplo de disjunção simétrica e sindética entre termos, APAE e ESCOLA, em que o sentido veiculado é exclusivo, uma vez que somente uma opção é possível. Observamos que a mudança da ordem dos termos não impacta o sentido, “era a escola ou a APAE”, e há a presença da conjunção. Nesse caso, o sinal manual é realizado rapidamente, já associado a repetição do apontamento. Na boca da sinalizante, nas três últimas imagens, observamos a realização do *mouthings*, a representação, na boca, da palavra em língua oral, que pode, ou não, acompanhar o sinal. Nesse caso o *mouthings* é de “ou”, marcando, assim, a coordenação disjuntiva dos termos sinalizados.

(16)

$$\frac{\text{fe+sq}}{\text{hl+ sp. ipsil. [o] hl+bb1 contr.}}$$
 MARINA WORK VACATION. (16.02) 🗣️

(LSC)

‘Marina will work or she’ll go on vacation.’

Marina trabalhará ou entrará de férias. (tradução nossa)⁷

(Zorzi, 2018, p. 126)

Em (16) temos um exemplo de sentença disjuntiva justaposta, isto é, sem a presença de conjunção, com a coordenação de dois eventos, trabalhar e entrar de férias. A relação de disjunção é estabelecida pelo contexto semântico e pelos marcadores não-manuais, como o *mouthings*, já mencionado, expresso pelo [o], acima da sentença. Nos dois exemplos, o

⁶ Exemplo (15): <https://youtu.be/azdUG1-zOEO> (Quadros et al., 2023, p. 153).

⁷ Exemplo (16): [16.02gl no Vimeo](https://vimeo.com/16.02gl) (Zorzi, 2018, p. 126).

movimento do corpo, sinalizando cada evento ou termo de um lado do espaço, é um marcador importante que evidencia que há dois conjuntos sendo coordenados pelo sinalizante. Assim reiteramos, que para as línguas de sinais, há outros elementos que contribuem para a expressão da coordenação (Liddell, 2003; Davidson, 2013; Zorzi, 2018).

(ASL)

(17) [POSS_a PARENTS WILL BUY POSS_a CAR]_b COORD-SHIFT [IX_a WILL TRAVEL]_c
DON'T-KNOW WHICH.

'Her parents will buy her car or she will travel, I'm not sure which.'

Seus pais vão lhe comprar um carro ou ela irá viajar, eu não tenho certeza de qual.

(tradução nossa)

(Davidson, 2013, p. 9)

Em (17), o *COORD-SHIFT* marca o movimento de um lado para o outro, com cada evento entre colchetes sendo coordenado em um lado do espaço. O primeiro evento é composto pelos pais dela que irão comprar o carro, enquanto o segundo, por ela ir viajar. Sabemos que se trata de coordenação alternativa, pois, além do *COORD-SHIFT*, somente uma opção é possível. Se os pais comprarem o carro, ela não irá viajar, ou se ela for viajar, os pais não comprarão o carro, o que é reforçado pela sinalização de *DON'T-NOW WHICH*, “não sei qual”, que é utilizado, nesse contexto, como uma partícula de reforço para a alternância.

2.3 CONTRAJUNÇÃO

Lakoff (1971, p. 131) afirma, em relação a coordenação adversativa, que “os dois membros do conjunto ligado por *mas* devem estar relacionados um ao outro, de alguma maneira” e essa relação “baseia-se na similaridade semântica, e não puramente lexical”⁸. Segundo Pezatti e Longhin-Thomazi (2008, p. 26) “a coordenação adversativa estabelece entre duas unidades sintaticamente autônomas e pragmaticamente interdependentes uma relação de contraste, que é particularizada de várias maneiras, segundo condições contextuais”, que podem ser articuladas com o uso de conjunção ou por justaposição. Na contrajunção, a primeira sentença possui o papel de Tema, apresentando ao interlocutor uma informação já dada, enquanto a segunda oração possui o papel de Rema, com a introdução de

⁸ “The two members of the conjunct joined by *but* must be related to one another, in some way. Again, the relationship is based on semantic rather than purely similarity” (Lakoff, 1971, p. 131).

informação nova (Pezatti; Longhin-Thomazi, 2008). A conjunção *mas*, ao introduzir essa segunda oração, pode estabelecer, entre as sentenças, uma relação de oposição/contraste, retificação e contra expectativa (Lakoff, 1971; Pezatti; Longhin-Thomazi, 2008).

(Inglês)

(18) John is tall but Bill is short.

John é alto mas Bill é baixo. (tradução nossa)

(Inglês)

(19) John hates ice cream but I like it.

John odeia sorvete mas eu gosto. (tradução nossa)

(Inglês)

(20) John is tall but he's no good at basketball.

John é alto, mas não é bom no basquete. (tradução nossa)

(Inglês)

(21) John hates ice cream, but so do I.

John odeia sorvete, mas eu também odeio. (tradução nossa)

(Lakoff, 1971, p. 133)

Em (18) e (19) temos dois exemplos de coordenação adversativa, em que os conjuntos coordenados estabelecem entre si uma relação de oposição através do uso da conjunção *but*, ou “mas”. Não há qualquer implicação de que a primeira sentença seria verdadeira enquanto a segunda falsa, nem há qualquer conclusão a ser feita sobre o segundo conjunto em relação ao primeiro (Lakoff, 1971), logo os dois exemplos apresentam um caso simples de oposição, em que um elemento de cada conjunto é antônimo, como alto e baixo, e gostar e não gostar. Em (20) e (21) por contrapartida, não há pares de palavras opostos, no primeiro, temos uma asserção, John é alto, seguida de uma pressuposição, uma conexão feita pelo interlocutor, de que pessoas altas são boas em basquete. A pressuposição supõe um nível de expectativa, que nesse caso, não se confirma, já que John não é bom no basquete. O exemplo (21) é similar, em

que há uma pressuposição possível, no caso, o falante gosta de tudo que John odeia. Tal pressuposição exige o conhecimento prévio dos interlocutores acerca da relação entre John e o falante para sua compreensão e para a quebra de expectativa que a acompanha.

A seguir discutiremos alguns exemplos de coordenação adversativa das LS, um exemplo (22) da língua de sinais alemã, Deutsche Gebärdensprache (DGS), um exemplo (23) da libras e um exemplo (24) da Hong Kong Sign Language (HKSL).

- (22) ROLAND SPANISH LEARN WANT BUT IX_{3a} ^{neg} NEVER TIME. (DGS)
 ‘Roland would like to learn Spanish, but he never has the time.’

Roland iria gostar de aprender espanhol, mas ele nunca tem tempo. (tradução nossa)

(Pfau, 2016, p. 165)

Em (22), entendemos que Roland poderia, hipoteticamente, aprender espanhol e que a falta de tempo é um impeditivo que não permite que essa possibilidade se torne real. Observamos, nesse exemplo, também o uso da conjunção manual BUT (MAS, em português), que introduz a segunda sentença, marcando morfossintaticamente o valor de contraste entre os dois estados de coisas ("aprender espanhol" e "não ter tempo para estudar").

Em (23), por sua vez, temos um exemplo da libras, em que as orações coordenadas são justapostas, pois não há a presença da conjunção, mas o sentido veiculado é de contração. Nesse caso, o falante está opondo os professores surdos e ouvintes, ao afirmar que o surdo compreende quando o professor surdo se comunica e que se reconhece nesse professor, o que não ocorre quando o professor é ouvinte, em que há a mediação do intérprete. Nesse exemplo, podemos compreender que a relação adversativa emerge da combinação de dois estados de coisas que são contrastados numa base comparativa. Percebemos, pois, que a relação semântica é construída a partir desse contraste, que não é comprometida pela ausência da conjunção manual.

O exame está chegando; Ruth está diligentemente fazendo seu dever de casa, mas Hannah é preguiçosa e assiste TV (tradução nossa).

(Tang; Lau, 2012, p. 344)

Em (24), não temos a presença da conjunção, mas a relação semântica que se estabelece entre os estados de coisas expressos nas orações e os MNMs utilizados indicam que se trata de um caso de coordenação adversativa. A informação dada é composta pelo exame estar se aproximando e Ruth estar diligentemente fazendo seu dever de casa, associada portanto, à pressuposição de que por haver um exame, se deve estudar e fazer as tarefas. A sentença seguinte, contudo, apresenta uma quebra de expectativa, na medida em que Hanna é preguiçosa, ela não está estudando para a prova. No exemplo, *hn* marca o *head nod*, o aceno de cabeça, *ht* marca o *head turn*, o movimento de cabeça, e *bt backward* marca o *body turn*, movimento do corpo para trás, que tanto Liddell (2003), quanto Davidson (2013), Tang e Lau (2012) e Zorzi (2018), mencionam como um dos MNMs característicos da coordenação adversativa nas LS.

2.4 MODOS DE JUNÇÃO

Apresentaremos, nesta seção, os diferentes modos de junção nas LS, isto é, os diferentes recursos utilizados pelos falantes para conectar as orações coordenadas, com as regras e características próprias das gramáticas das LS. Falaremos sobre as conjunções manuais que foram identificadas pelos pesquisadores da área, em línguas como a ASL, a BSL, a LSC e a libras, os MNMs, que em casos de justaposição, podem atuar sintaticamente como conectores de sentenças, e a boia, também chamada de *list-buoy* (Liddell, 2003) ou *COORD-L* (Davidson, 2013).

2.4.1 CONJUNÇÕES

As conjunções não atuam somente na construção de orações coordenadas. Haspelmath (2004) e Pezatti e Longhin-Thomazi (2008), afirmam que esses elementos possuem outros significados e funções, atuando em vários outros níveis. Lakoff (1971) reforça a importância de as conjunções serem estudadas nos três domínios: epistêmico, referencial e conversacional. Segundo Castilho (2016), o ‘e’ pode atuar discursivamente como importante marcador de

troca de turnos, na adição de temas e conjuntos de enunciados, enquanto o ‘mas’ pode ser utilizado como marcador discursivo na interação conversacional, somando atos de fala e retomando a conversa, bem como conectivo textual e operador argumentativo.

Rodrigues (2022) destaca que autores como Tang e Lau (2012) atestam a baixa frequência de uso de conjunções manuais nas línguas de sinais do mundo, já que estruturas morfossintáticas que marcam as fronteiras de sentenças, como conjunções e complementizadores, não são obrigatórias nessas línguas. Rodrigues (2022) salienta, no entanto, que várias pesquisas descrevem o uso de conjunções em línguas de sinais, como Johnston e Schembri (2007) e Waters e Sutton-Spence (2005), sinalizando ser esse uso ainda pouco explorado na literatura.

De fato, como observado em estudos anteriores, nas línguas de sinais, no que diz respeito aos processos de combinação de orações, as orações coordenadas podem ser interligadas por meio de conjunção manual ou podem estar justapostas. Nos dois casos, e principalmente em relação à justaposição, a literatura mostra amplamente que a presença de MNMs é fundamental. Zorzi (2018) afirma que uma outra estratégia das LS para expressar dois eventos simultâneos, consiste em tirar vantagem de sua característica de língua gesto-visual, em que as duas mãos são usadas ao mesmo tempo, mas cada uma expressa um evento diferente. Abaixo temos duas figuras como exemplo de conjunção manual da LSC, em que a primeira (1) trata-se da conjunção adversativa, que podemos traduzir como “mas”, e a segunda (2) trata-se da conjunção alternativa, que traduzimos como “ou”.

Figura 1 – BUT (LSC)



(Fonte: Zorzi, 2018, p. 155)

Figura 2 – OR (LSC)



(Fonte: Zorzi, 2018, p. 146)

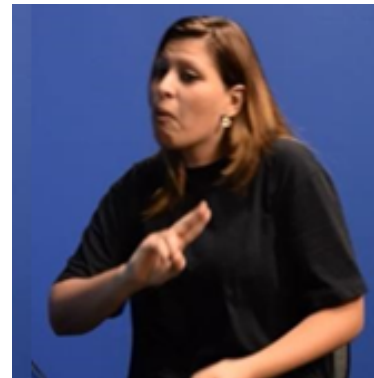
Observamos, nas figuras de dados de libras a seguir, a realização da conjunção manual MAS1⁹ (3) e OU (4), que podem aparecer nas relações coordenadas adversativas e alternativas, respectivamente, ainda que a coordenação possa também ocorrer sem a conjunção, em sentenças justapostas. É possível verificar, nas imagens, o arqueamento bem expressivo das sobrancelhas, com a boca que se prepara para o *mouthings* de “mas”, em (3), enquanto em (4), por sua vez, a sinalizante franze as sobrancelhas, com sua boca formando a palavra “ou”, que chamamos de marcadores não-manuais, discutidos mais a fundo, na próxima subseção, 2.4.2.

Figura 3 – MAS1 (libras)



(Fonte: Rodrigues, 2022, p. 68)

Figura 4 – OU (libras)



(Fonte: *Corpus de Libras*)

Em seus estudos sobre a coordenação aditiva e alternativa na ASL, Davidson (2013) atesta que há um “coordenador de uso geral”, glosado como COORD, que pode ser interpretado como conjunção ou como disjunção. De acordo com a autora, vários fatores podem afetar o uso desse coordenador, como o contexto, diversos marcadores não-manuais, e diferentes marcações morfológicas em anáforas que fazem referência aos elementos linguísticos coordenados.

Davidson (2013) apresenta o uso desse coordenador em duas diferentes manifestações, o *COORD-L* (5) e o *COORD-SHIFT* (6). A primeira se refere à quantificação, em que cada dedo da mão dominante pode representar um estado de coisas, somando-os e articulando-os em uma relação aditiva ou alternativa, a depender do contexto de uso. O *COORD-SHIFT*, por sua vez, é o ligeiro deslocar do corpo (movendo uma combinação de torso, cabeça e/ou olhos)

⁹ Utilizamos aqui a estratégia de nomeação que marca numericamente conjunções que estão em variação. Na libras, são identificados 3 sinais que poderiam ser traduzidos como “mas” e a numeração marca essa variação: MAS1, MAS2 e MAS3. As figuras, também com numeração, aparecem no texto entre parênteses. Assim, temos a figura (3), do sinal MAS1, na página a seguir.

para cada termo coordenado, sinalizando cada um dos conjuntos linguísticos coordenados em um lado diferente no espaço de sinalização. Segundo Davidson (2013, p. 9), “como o *COORD-L*, o *COORD-SHIFT* pode ser usado em contextos que favorecem tanto interpretações disjuntivas quanto conjuntivas”.

Figura 5 – *COORD-L* (ASL)



(Fonte: Davidson, 2013, p. 6)

Figura 6 – *COORD-SHIFT* (ASL)



(Fonte: Davidson, 2013, p. 10)

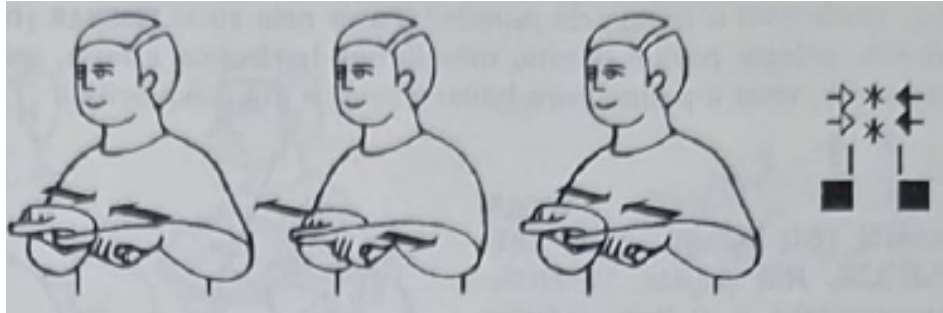
Silva (2019), em seus estudos sobre a coordenação aditiva e adversativa na libras, colabora para reforçar o que é expresso por Davidson (2013) e Zorzi (2018) ao afirmar que a coordenação aditiva se dá, nas línguas de sinais, sobretudo por meio da justaposição. A autora afirma, sobre a relação aditiva na libras, que “não havendo restrições de significação, predomina a ocorrência de orações paralelas e independentes sintaticamente, sem o auxílio de conectivos” (Silva, 2019, p. 59). Segundo Pfau (2016), algumas LS podem utilizar conjunções aditivas, ainda que a justaposição e o uso de MNMs seja mais produtivo e predomine nos contextos de adição. Silva (2019) e Quadros et al. (2023) apontam que há na libras dois sinais que podem ser utilizados no contexto da adição, são eles TAMBÉM (7 e 8) e MAIS (9 e 10).

O sinal de TAMBÉM é realizado com as mãos em configuração de apontamento, na altura do peito. Os dedos se juntam na frente do peito, se afastam em direções opostas e se juntam novamente. Uma variação desse sinal ocorre com as mãos em configuração de palma aberta (8), mas o movimento, a orientação da mão e a localização são os mesmos. Capovilla (2012) afirma que, o sinal de TAMBÉM, denota o sentido de inclusão, nos apresentando o seguinte exemplo: “minha irmã também vai prestar o vestibular esse ano” (Capovilla, 2012, p. 2327), em que “também” atua como advérbio.

No entanto, observamos em nossos dados, que esse sinal é utilizado como conjunção no contexto da adição, assim como nos aponta Silva (2019) e Quadros et al. (2023). Chamamos esse fenômeno de uso do advérbio como conjunção, de gramaticalização, em que ocorre um processo de mudança linguística, “principalmente diacrônico e gradual, em que

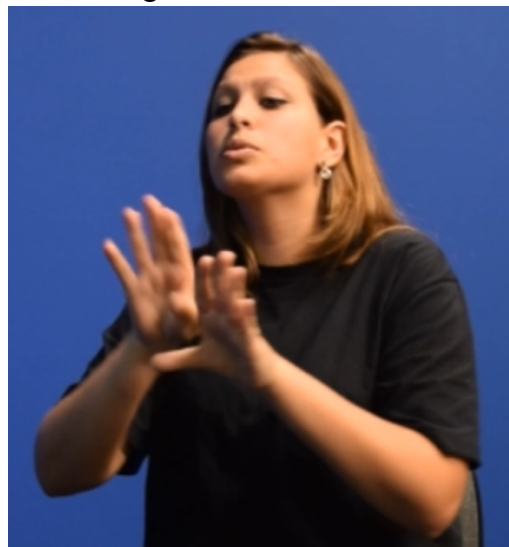
itens lexicais plenos passam a funcionar como expressões gramaticais específicas, em razão de um conjunto de alterações nos vários componentes da linguagem, sobretudo no sintático e no semântico” (Longhin-Thomazi, 2006, p. 2).

Figura 7 – TAMBÉM



(Fonte: Capovilla, 2012, p. 2327)¹⁰

Figura 8 – TAMBÉM2



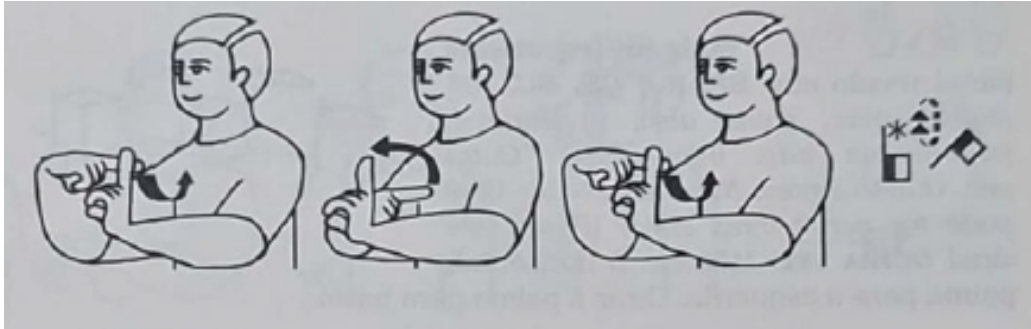
(Fonte: *Corpus de Libras*)

O sinal de MAIS1 é realizado com a “mão esquerda em 1, palma para a direita; mão direita em 1, palma para baixo, atrás da mão esquerda” (Capovilla, 2012, p. 1627), em que a mão direita faz um movimento circular, de cima para baixo, tocando o dedo indicador da mão esquerda. O sinal de MAIS2 (10) é realizado com a mão fechada, palma para trás e polegar para cima, com o movimento da mão para cima e para a direita, estendendo o dedo indicador.

¹⁰ O símbolo à direita, após a representação da sinalização, presente na figura (7), retirada do dicionário Capovilla, representa o *SignWriting* do sinal TAMBÉM. O *SignWriting* é um sistema de escrita para as LS.

A variação de MAIS3 (11), por sua vez, é sinalizada com a mão dominante em configuração de palma aberta, para baixo e para trás, com um giro rápido da palma para frente, com os dedos para cima.

Figura 9 – MAIS1



(Fonte: Capovilla, 2012, p. 1627)

Figura 10 – MAIS2



(Capovilla, 2012, p. 1627)

Figura 11 – MAIS3



(Fonte: Capovilla, 2012, p. 1627)

O sinal de MAIS apresenta variação MAIS1, MAIS2 e MAIS3, contudo, o autor afirma que cada variação possui um uso específico. MAS1, por exemplo, é o único sinal

associado à adição, ao passo que MAS2 e MAS3 são utilizados em contextos semânticos de comparação, associando a cada sinal, respectivamente, as seguintes orações em português (Capovilla, 2012, p. 1627): “Você só sabe me pedir mais e mais dinheiro e quanto mais eu lhe dou, mais você pede”, “Ela está mais gorda do que eu” e “Meu carro é mais antigo que o seu”. Silva (2019) apontou em sua pesquisa, que o sinal de MAIS é mais especializado que TAMBÉM, “no sentido de que só ocorre quando a adição das ideias veiculadas pelas orações corresponde a um resultado único” (Silva, 2019, p. 62), como no exemplo abaixo (25), em que o surdo explica como realizar um depósito ou transferência bancária, imprimir o comprovante, colocar o nome da universidade e anexar o comprovante para o candidato se inscrever adequadamente no processo seletivo.

(libras)

(25) [coordenada<BANCO B-B DINHEIRO DEPOSITAR>] [coordenada<OU TRANSFERIR>] [coordenada<IMPRIMIR ESTE COMPROVANTE>] [coordenada <MAIS NOME UNIVERSIDADE OU QUALQUER NOME COLOCAR COMPROVANTE>][coordenada<MAIS DOCUMENTO ORIGINAL 2-0-1-8 ESTE PROVAR>] [coordenada<TIRAR CADA FOTO SCANNER>] [coordenada<OU TIRAR FOTO>] [coordenada<ENVIAR_E-MAIL>] (16: POLJ, 0’12” a 0’34”)¹¹

‘Deposite ou transfira o dinheiro para o Banco BB, imprima o comprovante e coloque o nome da universidade ou qualquer nome no comprovante e prove com o documento original 2018, digitalize ou tire uma foto do documento e envie por e-mail’.



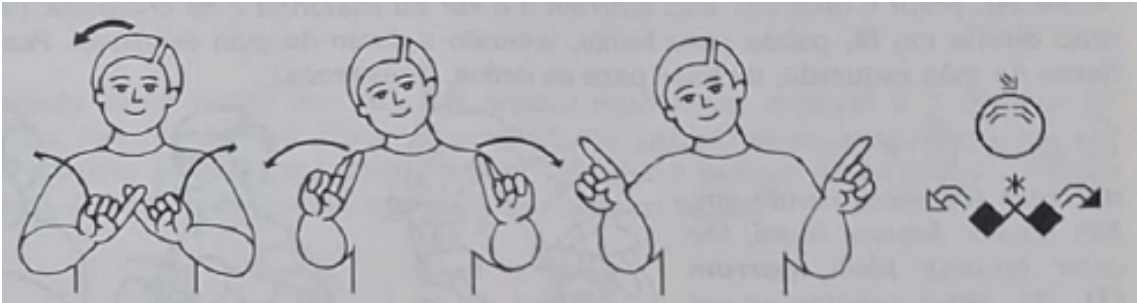
(Silva, 2019, p. 62)

No Dicionário (Capovilla, 2012), temos a identificação de três variações para a conjunção adversativa na libras. Segundo o editor, MAS1 “expressa fundamentalmente oposição, ressalva ou restrição” (Capovilla, 2012, p. 1658). O sinal de MAS2 e MAS3, também são utilizados nesses contextos. O sinal de MAS1 (12) é realizado com as mãos em posição de um em libras, que se cruzam na frente do peito e se separaram, com cada mão em direção a um lado diferente do espaço. MAS2 (13) é sinalizado com as mãos direita e

¹¹ Exemplo (25): <https://www.youtube.com/watch?v=R2NbscdeUes> (Silva, 2019, p. 62).

esquerda de palmas abertas na frente do peito, e MAS3 (14), com as mãos de palmas abertas viradas para baixo, que se afastam para lados opostos, com as mãos viradas para cima.

Figura 12 – MAS1 no dicionário de libras



(Fonte: Capovilla, 2012, p. 1658)

Figura 13 – MAS2 no dicionário de libras



(Fonte: Capovilla, 2012, p. 1658)

Figura 14 – MAS3 no dicionário de libras



(Fonte: Capovilla, 2012, p. 1658)

De acordo com Rodrigues (2022, p. 63), comparada à coordenação aditiva, a “coordenação adversativa nunca expressa um evento numa relação icônica, uma vez que a relação semântica estabelecida entre os dois eventos em orações adversativas se dá tão somente no nível discursivo. Desse modo, são usadas como estratégia argumentativa e discursiva.” A autora (2022) discute em sua tese de Livre-Docência, que há, na libras, uma

variação na sinalização da conjunção MAS, definida como MAS1 e MAS2, como mostra Capovilla (2012), que pode ser utilizada no contexto da contrajunção, sem um valor semântico específico que os diferencie ou determine o seu uso. Entretanto, como ressalta Rodrigues (2022), são necessárias mais pesquisas sociolinguísticas que investiguem a distribuição de uso desses sinais, que observamos também em nossos córpus.

(libras)

Figura 15 – MAS1



(Fonte: Rodrigues, 2022, p. 68)

(libras)

Figura 16 – MAS2

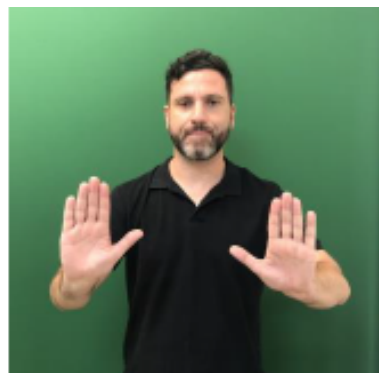
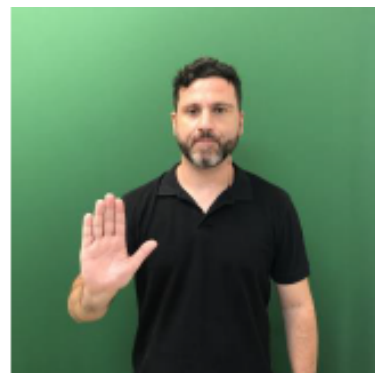


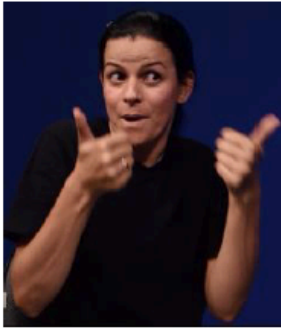
Figura 17 – MAS2'



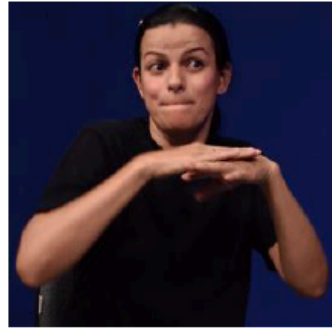
(Fonte: Rodrigues, 2022, p. 68)

(26)

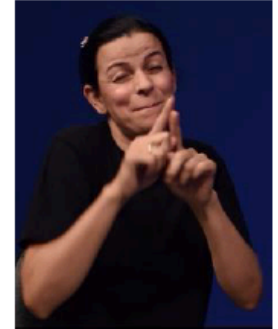
(libras)



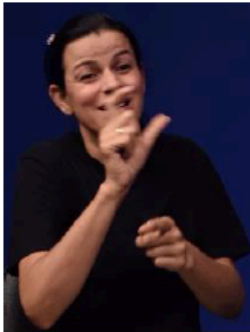
MELHORAR



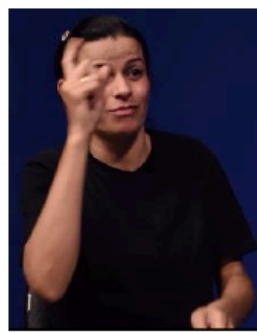
MAIS



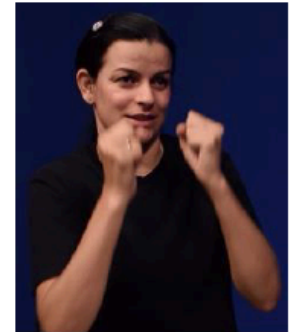
MAS 1



PALAVRA



DIFÍCIL

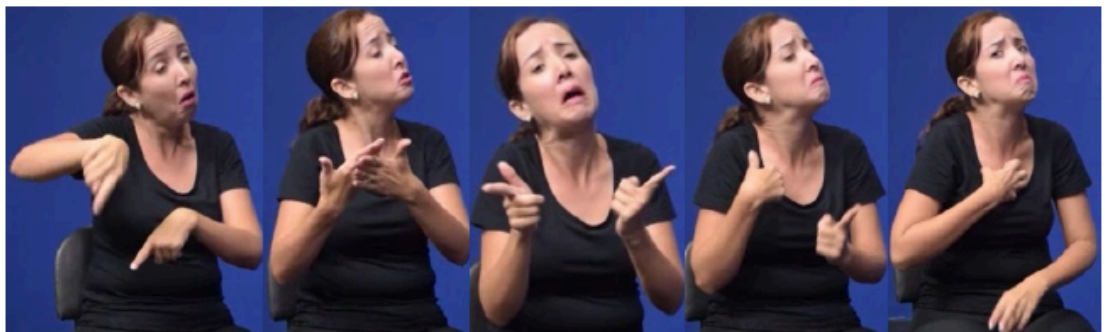


PESADO

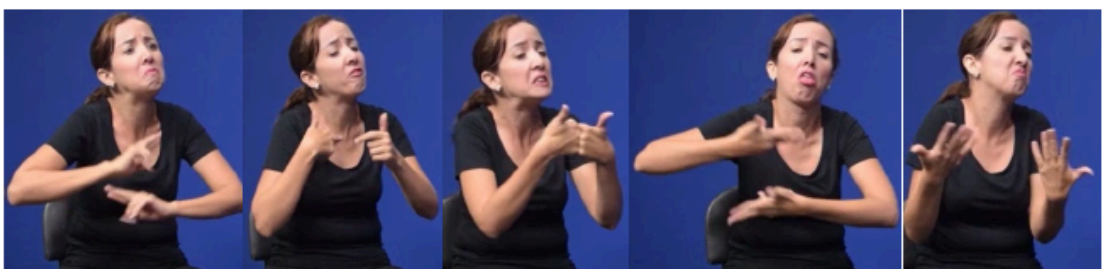
(Rodrigues, 2022, p. 68)

(27)

(libras)



[IX (todos)] ESCOLA [articulação-boca. MAS] [IX (eu)] SENTIR



DIFERENTE [neg] IX (eu) VIZINHO

INTERAGIR

E (então)

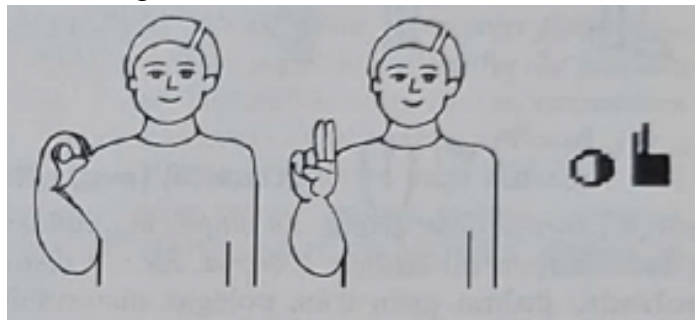
[IX (todos) ESCOLA MAS [IX (eu) SENTIR DIFERENTE [neg] IX (eu) VIZINHO INTERAGIR E (então)]¹²

Eu estudava, mas não me sentia diferente, pois éramos vizinhos e interagíamos normalmente.

(Quadros et al., 2023, p. 139)

Quanto à disjunção, vemos como conjunção na libras, o sinal de OU, realizado com a configuração de mão em “o” e em “u”, como em (18), imagem retirada de Capovilla (2012). O autor menciona que esse sinal tem a função de unir “palavras ou orações que exprimem ideias alternadas, introduzindo uma outra opção, além da primeira sugerida” (Capovilla, 2012, 1854). Na figura (19), vemos o formato da mão em OU na libras, que devido à rapidez de realização dos sinais de “o” e “u” passou-se a ser expresso como uma unidade de “o” com “u”, associado, na imagem, ao *mouthing* de “o” ou “ou” que pode acompanhar, ou até mesmo substituir, em casos de justaposição, a sinalização da conjunção manual.

Figura 18 – OU no dicionário de libras



(Fonte: Capovilla, 2012, p. 1854)

¹² Exemplo (27): <https://youtu.be/jCWwu3DI3HM> (Quadros et al., 2023, p. 139).

Figura 19 – OU



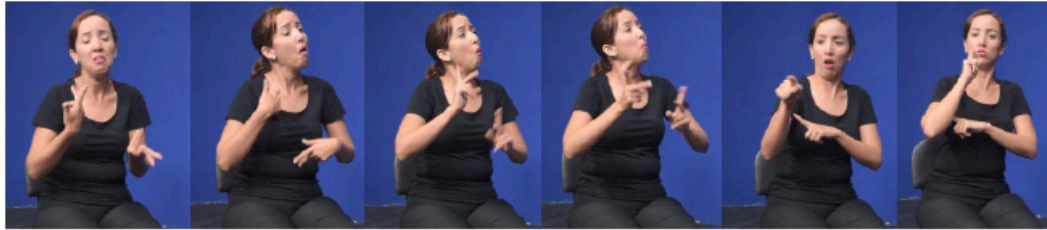
(Fonte: *Corpus de Libras*)

No exemplo (28), a seguir, podemos observar uma coordenação alternativa justaposta de sentenças, em que são articulados os conjuntos “ser surdo” e “ser ouvinte”, associados à um escopo de negação, “não perceber”, o que constrói um sentido inclusivo, como já discutido por Pezatti e Longhin-Thomazi (2008). Além do sentido alternativo, mesmo sem a conjunção manual, há outro elemento interessante na articulação das sentenças, que pode ser visto nas imagens, o *COORD-SHIFT*, em que o corpo da sinalizante se movimenta para lados contrários no espaço, com o acompanhamento da cabeça e da direção do olhar (Davidson, 2013; Zorzi, 2018; Quadros et al., 2023). Ao sinalizar DEM¹³(aquele) SURDO, o corpo, a cabeça e o olhar da falante se deslocam para a direita, enquanto, ao sinalizar OUVINTE DEM(esteste), seu corpo se desloca para a esquerda.

¹³ DEM (demonstrativo).

(28)

(libras)



E (então) IX (eu) NÃO PERCEBER DEM (aquele) SURDO



OUVINTE DEM (este) NÃO

E(então) IX(eu) NÃO PERCEBER DEM(aquele) SURDO OUVINTE DEM(este)
NÃO¹⁴

Eu não percebia se aquele era surdo ou se este era ouvinte.

(Quadros et al., 2023, p. 154)

- (29) DEAF CLUB HAVE CONTINUE OR THINK DEAF CLUB DIE? ^{y/n} (BSL)
Você acha que os clubes de surdos têm futuro ou acha que os clubes de surdos vão morrer? (tradução nossa).

(Pfau, 2016, p. 165)

(ASL)

- (30) COORD-L1 [POSS3a PARENTS WILL BUY POSS3a CAR] COORD-L2
[INDEX3a WILL TRAVEL]

- a) *Os pais dela vão comprar-lhe o carro ou ela vai viajar* (tradução nossa).
(Disjunção)

¹⁴ Exemplo (28): <https://youtu.be/Uh7GLC7nXRc> (Quadros et al., 2023, p. 154).

- b) *Seus pais vão comprar-lhe um carro, e (então) ela vai viajar* (tradução nossa).
(Conjunção)

(Davidson, 2013, p. 7)

Pfau (2016) afirma que, na Língua de Sinais Britânica (BSL), a disjunção é expressa tanto pela justaposição, quanto pelo uso da conjunção manual OR, “ou” em português, e que a ordem das sentenças coordenadas não é fixa, como em (29), em que a ordem das sentenças não impacta sua compreensão ou altera seu significado. Tanto Davidson (2013), quanto Pfau (2016) e Zorzi (2018) alertam para a ambiguidade nos contextos de adição e disjunção nas LS, visto que, na maioria das vezes, a coordenação é expressa somente pela justaposição com o uso do *COORD-L*, *COORD-SHIFT* e os MNMs. Para resolver essa ambiguidade, os autores sugerem a análise do contexto e do uso de outros elementos sintáticos, além dos próprios MNMs. Em (30) temos um exemplo de ambiguidade entre as interpretações, em que (a) apresenta uma leitura de disjunção, enquanto (b) de adição. As duas interpretações são possíveis, logo é no contexto interacional, com base no conhecimento prévio dos falantes e no uso dos MNMs, que o interlocutor irá privilegiar uma ou outra.

2.4.2 MARCADORES NÃO-MANUAIS

Os marcadores não-manuais são elementos que fazem parte da língua, mas que, assim como seu nome diz, não se realizam com as mãos, mas com o corpo ou na face. Podem ser a orientação da cabeça e do corpo, o movimento da cabeça e do corpo (Liddell, 1980; Davidson, 2013), o arqueamento ou franzir das sobrancelhas, lábios curvados (ou lábios em formato de ferradura), e o *mouthing*, que é a expressão na boca do sinal realizado pelo surdo, muitas vezes, a palavra completa ou apenas uma sílaba, correspondente ao sinal em língua oral (Davidson, 2013; Zorzi, 2018).

Liddell (1980, p. 13)¹⁵ argumenta que “para os elementos considerados 'parte da língua' e envolvidos no processo de formação de frases, a distinção entre os elementos com função sintática e os que não têm função sintática não é sempre clara”. Para analisar os fenômenos linguísticos em línguas de sinais, é importante investigar não somente os sinais

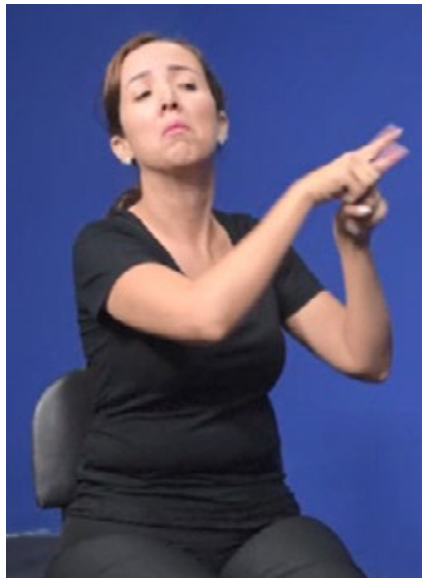
¹⁵ “Also for those things that are considered to be 'part of the language' and involved in the process of sentence formation, the distinction between those things with syntactic function and those with no syntactic function is also not always clear” (Liddell, 1980, p. 13).

manuais, mas também os MNMs, que muitas vezes não são considerados como parte dos estudos linguísticos, mas possuem um importante papel na construção de sentido.

A articulação de orações nessas línguas quase sempre se dá sem a presença de marcas manuais indicadoras de conjunções do tipo 'and', 'or' e 'but', mas por meio de marcas não manuais, às vezes bastante sutis, especialmente quando se analisam estruturas de coordenação a partir de dados de uso reais dessas línguas, retirados de corpora linguísticos (Quadros et al., 2023, p. 104).

Em (20), a sinalizante faz o sinal de TAMBÉM, seu corpo não está estático, sua cabeça se projeta para cima e suas sobrancelhas estão arqueadas, enquanto os lábios estão curvados para baixo, MNMs que são frequentemente observados em contextos de coordenação aditiva (Davidson, 2013; Zorzi, 2018). Ressaltamos aqui a relação dos MNMs com a coordenação visto que esse é nosso objeto de pesquisa, mas os MNMs não estão presentes somente nesse contexto e não atuam unicamente em casos de adição, alternância e contração.

Figura 20 – TAMBÉM (libras)



(Fonte: *Corpus de Libras*)

Em (21), temos a expressão do *mouthing* de “o” na LSC, em que “o” se configura como som da língua oral espanhola, segundo Zorzi (2018), associado ao contexto de coordenação alternativa. Em (22), vemos o formato da mão em “o”, em um exemplo da libras, associado ao *mouthing* de “o” ou “ou” da língua portuguesa, que pode acompanhar, ou até

mesmo substituir, a sinalização da conjunção manual OU. Outro elemento importante em (22) é o franzir das sobrancelhas, que aparece nos estudos de Davidson (2013) e Zorzi (2018) sobre a ASL e a LSC como um elemento que integra o conjunto de MNMs que pode caracterizar a alternância.

Figura 21 – *Mouthing* de “o” (LSC)



(Fonte: Zorzi, 2018, p. 126)

Figura 22 – *Mouthing* de “o” (libras)




(Fonte: Quadros et al., 2023, p. 153)

Em (31), temos um exemplo de coordenação aditiva, em que a sinalizante realiza cada sentença coordenada em um lado do espaço, com o direcionamento do seu olhar localizando a ação. Como podemos ver nas figuras a seguir, ao sinalizar MARINA PIZZA, seu olhar se

desloca para a direita (23), para, ao sinalizar EAT (comer), ser acompanhado pelo corpo que também se movimentou para essa direção. O mesmo ocorre com ICE-CREAM (sorvete) e BUY (comprar), mas para a esquerda, (24). Em (23) também é possível observar a cabeça que se projeta para a frente, outro MNM que aparece com frequência em casos de relação aditiva.

(31) (LSC)

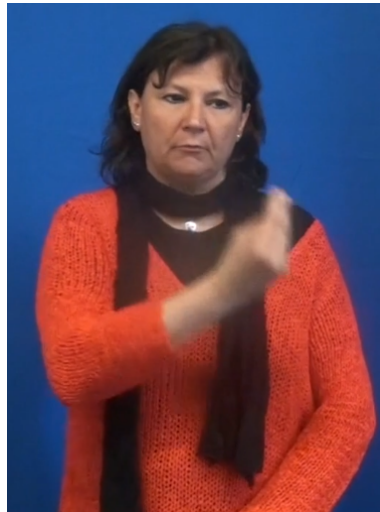
hth hth
re bs cont. sp.ips.
bs ipsil.
 a. MARINA PIZZA EAT ICE-CREAM BUY. (2.21) 

‘Marina will eat pizza and will buy an ice-cream.

Marina vai comer pizza e comprar um sorvete (tradução nossa)¹⁶.

(Zorzi, 2018, p. 109)

Figura 23 – Direção do olhar para a esquerda (LSC)



(Fonte: Zorzi, 2018, p. 109)

¹⁶ Exemplo (31): [2.21gl no Vimeo](#) (Zorzi, 2018, p. 109).

Figura 24 – Direção do olhar para a direita (LSC)



(Fonte: Zorzi, 2012, p. 109)

Os exemplos (32) e (33) constituem uma parte dos resultados encontrados nas análises realizadas por Chiodi (2019)¹⁷. Em (32), observamos que os lábios estão curvados para baixo (lc) e que a cabeça do sinalizante está inclinada para direita ao sinalizar BOM, e para a esquerda, ao sinalizar RUIM, evidenciando uma relação de disjunção. Segundo Zorzi (2018, p. 99), "MNMs como o olho e o lábio ajudam a apoiar uma leitura disjuntiva, enquanto que para a conjunção é mais comum encontrar sobrancelhas neutras e um aceno de cabeça"¹⁸.

(libras)

(32) IX(ELE) SURDO PRÓPRIA ESCOLA NORMAL ESTUDAR
 DESENVOLVER MELHORAR BOM $\frac{mc + lc}{RUIM}$ ¹⁹



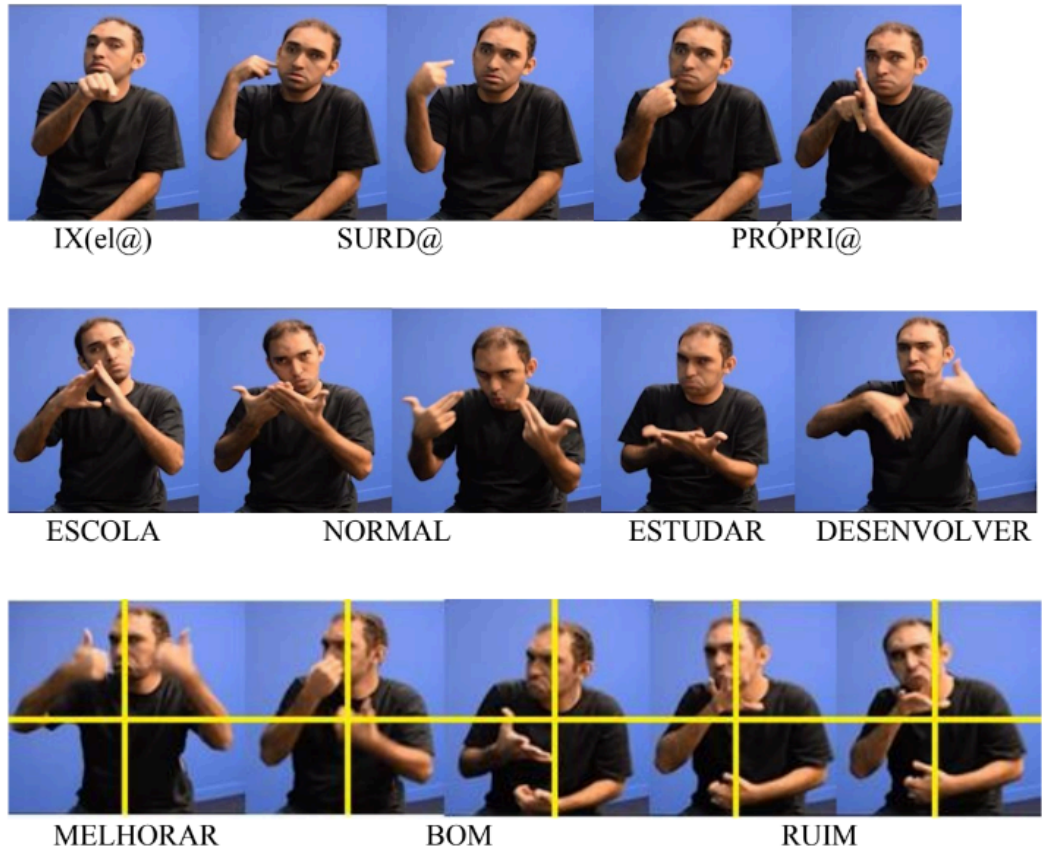
Para o surdo, estudar numa escola normal é bom ou ruim

¹⁷ A relação de disjunção na Língua Brasileira de Sinais: uma análise baseada em corpus – FAPESP Processo n° 2019/03307-6.

¹⁸ "NMMs such as squint and bit lip help to support a disjunctive reading, while for conjunction it is more common to find neutral eyebrow and a head nod" (ZORZI, 2018, p. 99).

¹⁹ Exemplo (32): <https://youtu.be/LPbVcfHYaXM> (Corpus de Libras).

Figura 25 – Imagem do exemplo (32)



(Fonte: Chiodi, 2020, p. 29-30)

(libras)

(33) COMO E(CABELO) AMARELO MARROM CLARO²⁰*Como era o seu cabelo, amarronzado claro?*

Figura 26 – Imagem do exemplo (33)



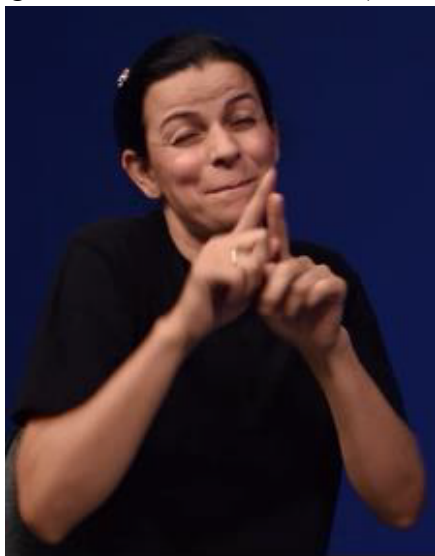
(Fonte: Chiodi, 2020, p. 30)

²⁰ Exemplo (33): <https://youtu.be/CdUEoBTdAVY> (Corpus de Libras).

Em (33) poderíamos tentar interpretar a sentença como uma ocorrência disjuntiva, visto que seria uma pergunta possível: “Seu cabelo era loiro ou amarronzado claro?”. Mas, com a análise do vídeo, a autora identificou que, ao associar AMARELO e MARROM CLARO, a sinalizante não movimenta seu corpo, o *COORD-SHIFT*, como denominado por Davidson (2013), não movimenta a cabeça, não realiza o *mouthing*, nem franze as sobrancelhas, MNMs apontados por Davidson (2013) e Zorzi (2018) como elementos que podem contribuir para a construção da relação de disjunção. Chiodi (2019) evidencia, deste modo, que os sinais AMARELO e MARROM CLARO se realizam como uma única unidade sintagmática, que pode ser interpretada como “amarronzado claro”, se constituindo, portanto, como uma leitura aditiva, não disjuntiva.

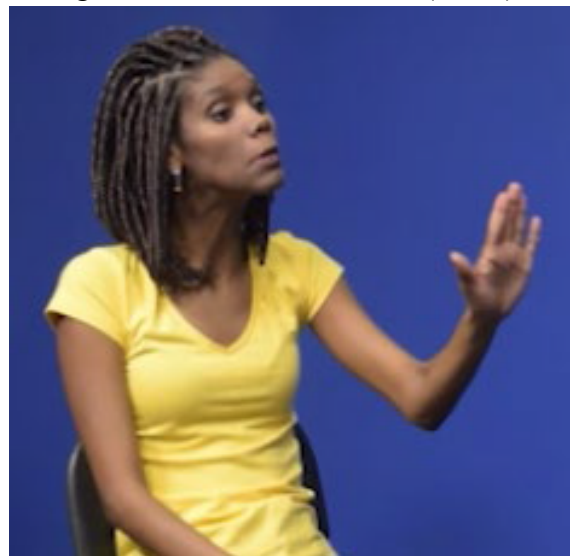
Nas figuras (27) e (28), vemos alguns MNMs característicos das relações adversativas, como as sobrancelhas arqueadas e o *mouthing* de “mas” ou “ma”, como em MAS1 (27), em que a boca da sinalizante se prepara para realizar o *mouthing*. Segundo Rodrigues (2022), o arquear das sobrancelhas é o MNM mais frequente no contexto de produção de sentenças adversativas. Zorzi (2018) aponta outro elemento importante, o movimento do corpo, que se projeta para frente, diferentemente das relações aditiva e alternativa, em que o movimento se dá para os lados. Em (28), a cabeça da sinalizante está projetada para frente e isso pode ocorrer com todo o corpo. Ela realiza o sinal de MAS com apenas uma mão, sendo assim uma variação de MAS2, como vimos na subseção anterior.

Figura 27 – MNM de MAS1 (libras)



(Fonte: Rodrigues, 2022, p. 68)

Figura 28 – MNM de MAS2 (libras)



(Fonte: Quadros et al., 2023, p. 144)

Discutimos, nesta subseção, o que são os marcadores não-manuais e apresentamos aqueles que mais aparecem nos contextos de coordenação aditiva, alternativa e adversativa. Ressaltamos aqui o que já foi dito por Liddell (1980), Tang e Lau (2012), Davidson (2013) e Zorzi (2018), de que os MNMs cumprem um papel fundamental na gramática das línguas de sinais, o que também vem sendo observado na libras, e destacado, no contexto da sintaxe da coordenação, com os trabalhos de Silva (2019), Rodrigues (2022) e Quadros et al. (2023). Os MNMs podem possuir um papel sintático na estrutura da língua ao marcar o tipo de relação que se estabelece entre as orações coordenadas. Como visto acima, ao realizar o *mouthing* de “ou”, por exemplo, mesmo que não seja sinalizada a conjunção manual OU, fica evidente que se trata de uma sentença alternativa.

2.4.3 BOIA (*LIST-BUOYS*)


Outro elemento importante de discussão no contexto da coordenação é o *List-buoy* (Liddell, 1980, 2003), *COORD-L* (Davidson, 2013), ou boia, em português. Ele é bastante utilizado para coordenar dois ou mais eventos em línguas de sinais, com o uso da apontação para marcar o número de eventos ocorridos²¹. Zorzi (2018) afirma que há duas estratégias possíveis para o uso da boia, na primeira, “a mão não dominante pode segurar o número total de referentes durante toda a frase, enquanto a dominante realiza a apontação pronominal para o referente no conjunto da mão não dominante em vez de no espaço”²² (Zorzi, 2018, p. 186). Na segunda, o sinalizante também marca o número de referentes na mão não dominante, mas não mantém a boia durante a sinalização, ela aparece apenas no início e no fim de cada sentença. Mas o número de referentes será sempre introduzido pelo surdo antes de sinalizar as sentenças coordenadas, independente da estratégia utilizada.

²¹ Conferir figura (5), página 27.

²² “The non-dominant hand can hold the total number of referents through the whole sentence while the dominant one realizes the pronoun pointing at the referent in the conjunct on the non-dominant hand instead of in space” (Zorzi, 2018, p. 186).


(34) (LSC)

hl contralateral
re sp. contr.
 a. hd_{dom} : (LIST2)-IX-a MARINA PIZZA CL:BAKE
hl ipsilateral
re sp. ipsi.
 (LIST2)-IX-b JORDI CAKE CL:BAKE

$hd_{non-dom}$: LIST2----- (80.08) 
 ‘On the one hand, Marina baked a pizza and on the other,
 Jordi baked a cake.’

*Marina assou uma pizza e Jordi assou um bolo (tradução nossa).*²³

(35) b. LIST2-IX-a MARC CAKE CL:BAKE LIST2-IX-b MARINA PIZZA (LSC)

re bl+sp.contr. re
bl+sp. ips.
 CL:BAKE. (1.17) 

‘On the one hand, Marc baked a cake and on the other,
 Marina baked a pizza.’

*Marc assou um bolo e Marina assou uma pizza (tradução nossa).*²⁴

(Zorzi, 2018, p. 187)

A primeira estratégia pode ser observada em (34), em que a sinalizante mantém, durante toda a sinalização, a mão em boia, marcada no exemplo como LIST-2, por se tratar de dois referentes. Cada conjunto também se realiza em um lado do espaço, acompanhados pelo direcionamento do olhar e pelo arqueamento das sobrancelhas. O movimento do corpo, o olhar e o fato de serem dois eventos simultâneos, nos indicam que o exemplo é um caso de coordenação aditiva. Segundo Zorzi (2018) *list-buoys* são utilizados somente em contextos de coordenação aditiva e alternativa, não sendo possível o seu uso na coordenação adversativa, o que também observamos em nossos dados.

A segunda estratégia, por sua vez, pode ser observada em (35). A sinalizante usa a boia, apresentando a quantidade de eventos que serão sinalizados, identificados no exemplo como LIST-2. A mão em boia aparece antes da sinalização de cada sentença, mas não se

²³ Exemplo (34): [80.08gl no Vimeo](#) (Zorzi, 2018, p. 187).

²⁴ Exemplo (35): [1.17gl no Vimeo](#) (Zorzi, 2018, p. 187).

mantém durante a realização dos sinais para expressar os eventos. Assim como em (34), há o movimento do corpo, com cada conjunto em um lado do espaço, com o direcionamento do olhar, que localiza os eventos, e o arqueamento das sobrancelhas. Semanticamente, também se trata de um caso de oração coordenada aditiva.

(36)



INTERAGIR

CONTATO

PRIMEIRO [dedo médio. BOIA-2]

PRIMEIRO

CONTATO



CRIANÇA

E (então)

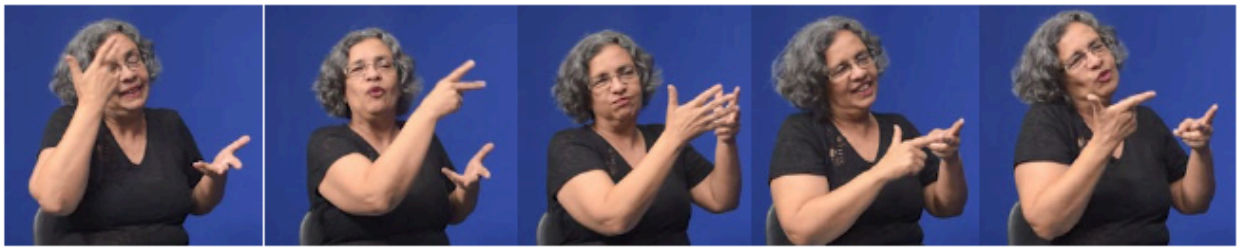
SINAL

ESCOLA

PRIMEIRO



CONTATO [dedo indicador BOIA-1] LÍNGUA-DE-SINAIS VERDADE E (então)



NORMAL SEU LÍNGUA-DE-SINAIS [dedo médio. BOIA 2.] TER-NÃO



SINTAXE DIFERENTE GESTO E (então) MAIS LÍNGUA DE SINAIS



TER E (então) O-QUE NADA E (não) TER

INTERAGIR CONTATO PRIMEIRO [dedo médio. BOIA-2] PRIMEIRO CONTATO CRIANÇA E(então) SINAL ESCOLA PRIMEIRO CONTATO dedo indicador. BOIA -1] LÍNGUA-DE-SINAIS VERDADE E(então) NORMAL SEU LÍNGUA-DE-SINAIS [dedo médio. BOIA 2.] TER-NÃO SINTAXE DIFERENTE GESTO E(então) MAIS LÍNGUA-DE-SINAIS TER E(então) O-QUE NADA E (não) TER E(então)²⁵

²⁵ Exemplo (36): <https://youtu.be/yEUPJ66Phvs> (Quadros et al., 2023, p. 123).

De acordo com Liddell (1980), *list-buoys* podem ser utilizados para formar associações entre conjuntos de entidades ordenados ou não ordenados. O que também é mencionado por Zorzi (2018), ao afirmar que *list-buoys* são principalmente usados, na coordenação, para formar listas, mas também com a possibilidade de expressar temporalidade entre as sentenças coordenadas. Em (29) observamos um exemplo de boia com três eventos, em que a surda mantém a boia na mão não dominante e aproveita a mão dominante para realizar o sinal de pausa, marcando que entre cada momento da conferência, associado a cada dedo da boia, haverá uma pausa. Liddell (1980) menciona, sobre a ASL, que há a possibilidade de pelo menos quatro referentes na composição da boia, enquanto Zorzi (2018), sobre a LSC, mostra que essa língua pode fazer uso de 2 a 5 referentes na mão não dominante.

(37)

- (a) MARY COORD-L₁ [SWIM] COORD-L₂ [RUN]? (ASL)
 ‘Does Mary swim or run?’
Mary nada ou corre? (tradução nossa)
- (b) MARY COORD-L₁ [SWIM] COORD-L₂ [RUN], (DON’T-KNOW WHICH).
 ‘Mary swims or runs, I’m not sure which.’
Mary nada ou corre, não tenho certeza de qual. (tradução nossa)
- (c) MARY COORD-L₁ [SWIM] COORD-L₂ [RUN], (MAYBE BOTH).
 ‘Mary swims or runs, and maybe both.’
Mary nada ou corre, e talvez os dois. (tradução nossa)

(Davidson, 2012, p. 8)

Em (37) temos três exemplos de orações coordenadas alternativas, que apresentam três interpretações diferentes. Em (a), há apenas uma resposta possível para a pergunta, Mary nada (nadar), Mary corre (correr). Em (b), por sua vez, com o uso de *DON’T KNOW WHICH* (não sei qual), a leitura se torna necessariamente exclusiva, enquanto em (c), com o uso de *MAYBE BOTH* (talvez os dois), a leitura é inclusiva, com a possibilidade dos dois eventos ocorrerem. Mary é o sujeito e o escopo da coordenação, com *SWIM* (nadar) sendo marcado por *COORD-L1*, isto é, no primeiro dedo de uma BOIA-2, e *RUN* (correr), marcado por *COORD-L2*, ou seja, localizado no segundo dedo da boia. Não temos o vídeo da sinalização,

mas podemos inferir que o surdo como característica da alternância nas LS, sinalizou cada evento, nadar e correr, em um lado oposto do espaço.

Abordamos, nesta subseção, o que é a boia, alguns de seus contextos de uso e processos sintáticos e semânticos na produção de sentenças coordenadas aditivas e alternativas. Trouxemos como exemplo a ASL, a libras e a LSC, evidenciando a importância do uso desse recurso no discurso das LS. Ela recebeu diferentes nomes, boia, *list-buoy* e *COORD-L*, mas independente da nomenclatura utilizada, sua função de coordenador de objetos, pessoas e/ou eventos e seu uso se assemelha em diversas LS pelo mundo.

Discutimos, nesta seção, os conceitos sobre a coordenação que embasam nossa pesquisa, abrangendo seus três tipos, a coordenação aditiva, adversativa e alternativa, em seus aspectos gerais, que concernem às línguas naturais e as suas especificações quanto às línguas de sinais, como o uso de conjunções manuais e MNMs. Esses marcadores são importantes para as nossas análises, mas constituem um desafio, uma vez que podem ser sutis e variar de um sinalizante para o outro (Quadros et al., 2023), tornando, assim, a investigação dos MNMs, que colaboram para a construção de sentido da coordenação, mais complexa.

3. METODOLOGIA

Nesta seção, dissertaremos os procedimentos metodológicos utilizados para a realização de nossa pesquisa. Em 3.1, “Coleta de dados”, apresentaremos os *córpus* escolhidos para a pesquisa, e as ferramentas utilizadas, a fim de cumprirmos com nossos objetivos, bem como do que se trata a frequência *type* e *token*, método selecionado para trabalharmos com os elementos linguísticos definidos para a análise. Em 3.2, “Metodologia de análise de dados”, apresentamos os *types* escolhidos para análise, as etapas de busca e organização dos dados.

3.1 COLETA DE DADOS

Utilizamos, para esta pesquisa, dados naturalísticos coletados a partir de duas fontes, o *Corpus de Libras*, disponível em <http://corpuslibras.ufsc.br/?lang=ptbr>, e o minicórpus do Grupo de Pesquisas em Língua de Sinais da Unesp - SignL, disponível somente para os membros do grupo. O *Corpus de Libras* contém diversos vídeos de sinalizantes surdos, anotados e disponibilizados no site do projeto, que é coordenado pela professora Ronice Müller de Quadros, pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Estudos de Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

O *Corpus* é composto de um conjunto de dados e metadados da libras e abarca três projetos: (1) Inventário Nacional de Libras; (2) Produções Acadêmicas e (3) Antologia de poesias e histórias em libras. Segundo o site, o projeto “é uma proposta que se situa no contexto do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL) que foi instituído pelo decreto presidencial 7387/10 como um instrumento de identificação, reconhecimento, valorização e promoção das línguas faladas no Brasil.”

Utilizaremos, para nossas análises, apenas o (1) Inventário Nacional de Libras, em que dois sinalizantes surdos conversam sobre um tema específico, caro à comunidade surda, como o uso de implantes cocleares, escolas regulares que incluem alunos surdos em suas turmas e escolas bilíngues, fornecido pela equipe do *córpus* para a discussão, propiciando assim, a observação da língua em contexto de interação comunicacional. Os vídeos que selecionamos abarcam principalmente os vídeos da categoria “Escola surdo ouvinte” e “Tecnologia”, visto que tais temas fomentam um tempo maior de interação entre os participantes, que se dividem em três grupos, com surdos de diferentes faixas etárias. O Grupo 1 é composto por surdas(os)

de 19 a 29 anos, o Grupo 2 de surdas(os) de 30 a 49 anos, e o Grupo 3, por surdas(os) maiores de 50 anos. Cada grupo é composto por 6 vídeos, correspondentes a 6 duplas, para as duas temáticas. Escolhemos para análise 16 vídeos, que juntos possuem a duração total de 1 hora, 29 minutos e 32 segundos, e correspondem aos grupos 1 e 2, das temáticas escola e tecnologia, de acordo com a disponibilidade do material que possuíamos. Ressaltamos, no entanto, que o *Corpus de Libras* não disponibiliza informações pessoais dos participantes do projeto, como sua escolaridade, idade da aquisição de libras, se os pais são surdos ou ouvintes e se os participantes são oralizados, inviabilizando que essas categorias sejam utilizadas em nossa pesquisa como fatores de impacto em nossos resultados.

Os vídeos que compõem o minicópus do *SignL* constituem uma amostra já coletada durante a realização da pesquisa de pós-doutorado da Profa. Dra. Angélica Rodrigues (Processo FAPESP 2015/14435-4). Eles foram produzidos por surdos, homens e mulheres, de diferentes idades e residentes em diferentes estados brasileiros, e publicados em *blogs* sinalizados do Facebook. O cópus é constituído por 10 vídeos, sendo 5 vídeos produzidos por homens e 5 por mulheres, em que cada um possui uma duração, compondo 42 minutos e 45 segundos, e são filmados em diferentes contextos. Os vídeos têm, como ponto comum, os surdos interagirem diretamente com a câmera, se dirigindo a alguém em específico ou a comunidade surda da qual fazem parte. Em relação a esse cópus, também não possuímos informações acerca de seus níveis de escolaridade, aquisição da libras, ou parentalidade. Todos os vídeos foram anotados no programa ELAN, pelos membros do grupo de pesquisa. Como os vídeos foram publicados em redes sociais, entendemos que estão disponíveis para nossa análise enquanto pesquisadores, mas por questões éticas, de proteção à imagem, não apresentaremos figuras ou vídeos desses surdos em nosso trabalho.

O ELAN é um programa para anotação de arquivos de áudio e vídeo, desenvolvido pelo Instituto Max Planck de Psicolinguística e disponível em <https://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/>. Escolhemos usar esse programa para nossas transcrições e pesquisas pois ele exibe o vídeo e as trilhas em sincronia, deste modo, facilitando a análise linguística dos dados. A quantidade de trilhas é decidida pelo pesquisador, possibilitando a criação de múltiplas trilhas a depender da demanda da pesquisa. No caso da anotação de dados de línguas de sinais, permite uma anotação detalhada tanto dos sinais quanto dos MNMs.

Figura 30 – Imagem do ELAN

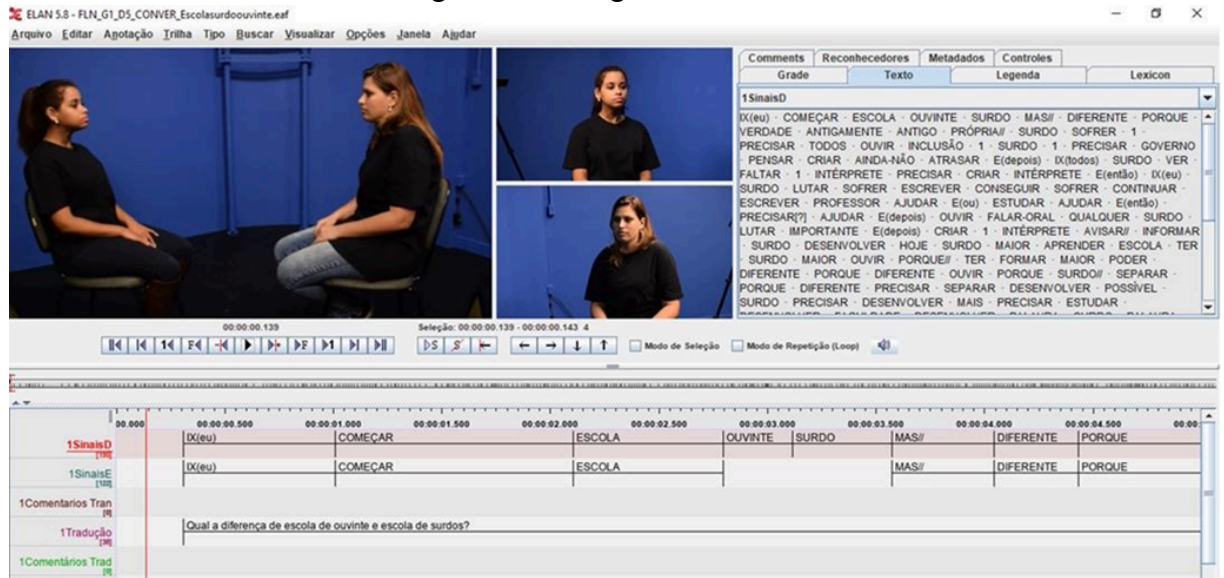
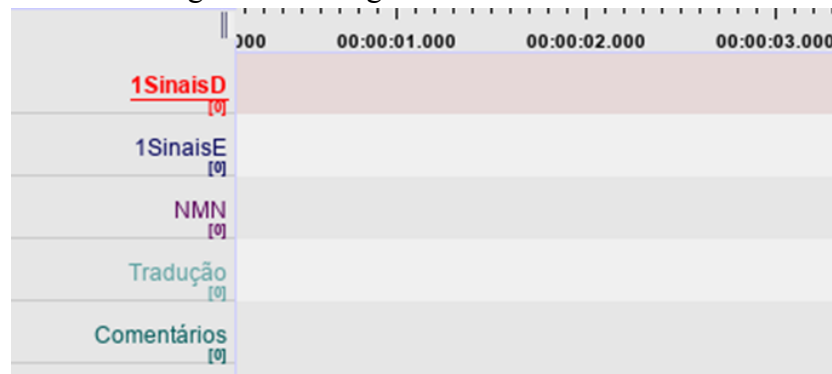
(Fonte: *Corpus de Libras*)

Figura 31 – Imagem das trilhas do ELAN



(Fonte: Minicópus do Grupo de Pesquisa SingL)

A coleta de dados de nossa pesquisa foi realizada assistindo aos vídeos e através das ferramentas de busca do ELAN, uma vez que todos os vídeos já estavam anotados. Realizamos buscas nas trilhas de glosas, que nos ajudaram a identificar a utilização de sinais manuais envolvidos na expressão da disjunção, da adição e da contrajunção. Nenhuma transcrição dos corpúsculos utilizados tem trilhas específicas para MNMs, logo, durante a coleta e análise de dados, observamos, cuidadosamente, para apreensão dos MNMs, os vídeos dos sinalizantes, associando-os, ou não, a presença das conjunções manuais para adição, disjunção ou contrajunção, uma vez que a análise da presença e dos tipos de MNMs é extremamente importante para efeitos de descrição da libras.

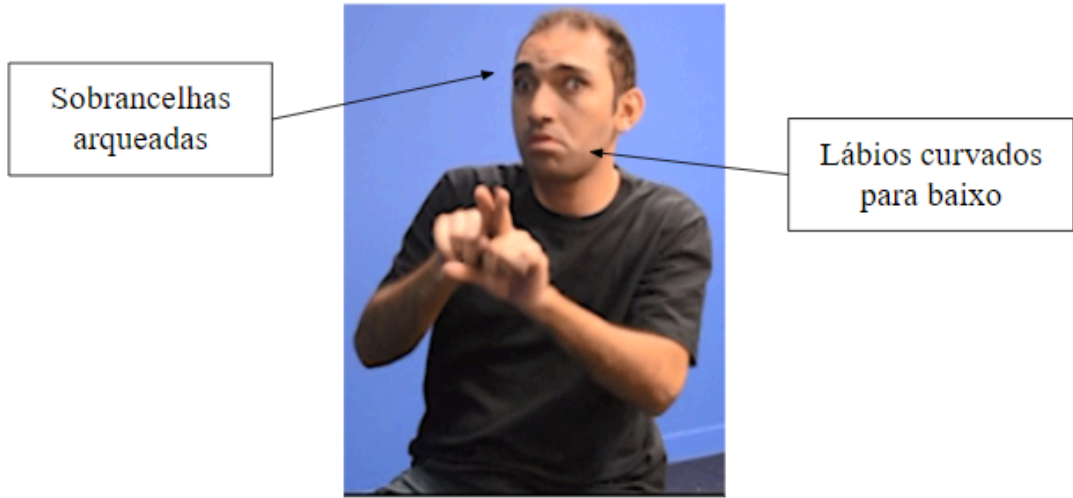
3.2. METODOLOGIA DE ANÁLISE DE DADOS

Nossa metodologia de análise dos dados será basicamente qualitativa, mas recorreremos a uma metodologia básica para aferição da frequência *type* e *token* (Bybee, 2003) a fim de apresentar uma análise mais detalhada dos dados. O primeiro, segundo a pesquisadora, se refere à ocorrência de um *type*, ou seja, a ocorrência de um morfema ou de uma palavra, como esta aparece no dicionário (Bybee, 2003, p. 604). Por exemplo, em nossa pesquisa, os *types* investigados serão a sinalização das conjunções TAMBÉM, MAIS, OU e MAS. A frequência *token*, por sua vez, se refere ao número de ocorrência desses morfemas ou palavras no todo do texto, ou como no nosso caso, da frequência de ocorrência de TAMBÉM, MAIS, OU, ou MAS, no córpus.

Faremos uso das glosas e dos vídeos do córpus para facilitar a compreensão dos fenômenos linguísticos, com a ressalva de que a glosa se trata da palavra em português e pode não corresponder exatamente ao significado do sinal usado pelo surdo, na medida em que é também uma tradução da libras para o português. As glosas utilizadas tanto no *Corpus de Libras*, quanto no minicórpus do *SignL*, seguem o trabalho desenvolvido pela equipe coordenada pela professora Ronice de Quadros, de modo a manter um nível de sistematização das transcrições. As abreviações para os MNMs que são utilizados nos exemplos da seção a seguir, que estão acima do sublinhado, como demonstrado na página de convenção de glosas, seguem o proposto por Rodrigues (2022) e já usados pela autora (Chiodi, 2019, 2021).

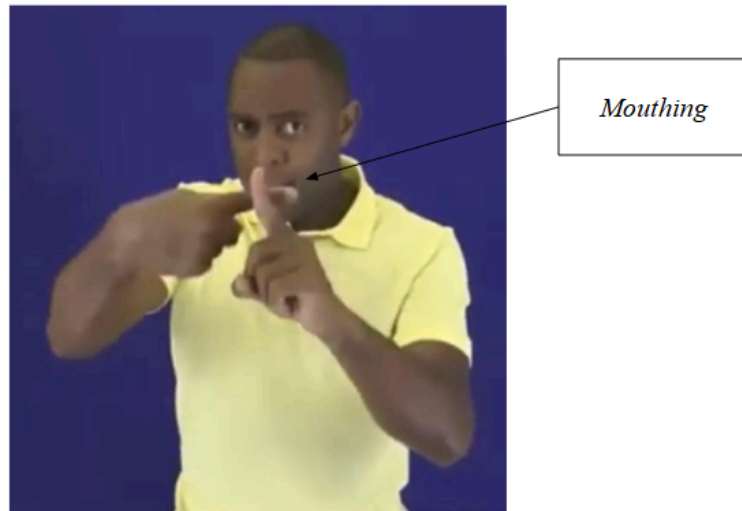
Abaixo apresentamos, em imagens, as conjunções manuais consideradas nesse trabalho, os sinais TAMBÉM, MAIS, OU, MAS, e alguns marcadores não-manuais associados à relação de adição, disjunção e contrajunção (Davidson, 2013; Zorzi, 2018), como o *mouthing*, o arqueamento de sobrancelhas, os lábios curvados para baixo ou lábios de ferradura, e o movimento da cabeça e do corpo. Na figura (32), o falante realiza o sinal de TAMBÉM, com o corpo levemente inclinado (*COORD-SHIFT*), os lábios curvados para baixo e as sobrancelhas arqueadas. Em (33), o surdo produz o sinal MAIS1, e em (34), a sinalizante faz o sinal de MAIS3, com os lábios curvados e com as sobrancelhas arqueadas.

Figura 32 – Conjunção manual TAMBÉM



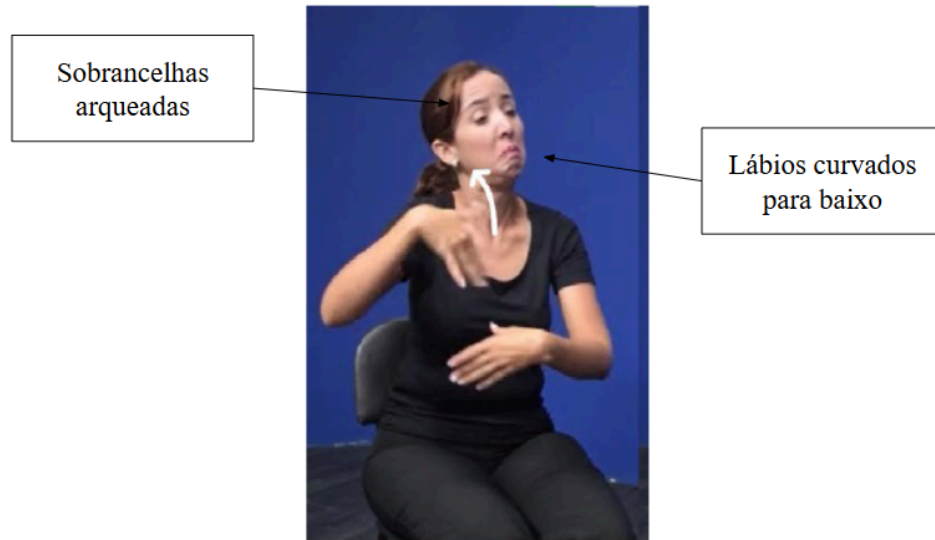
(Fonte: *Corpus de Libras*)

Figura 33 – Conjunção manual MAIS1



(Fonte: Silva, 2019, p. 64)

Figura 34 – Conjunção manual MAIS3



(Fonte: Quadros et al., 2023, p. 85)

Em (35), temos a sinalização da conjunção manual OU, com a primeira imagem representando a mão em configuração de “o” e a segunda, a mão em configuração de “u”. A cabeça do sinalizante está inclinada para trás, suas sobrancelhas estão arqueadas e ele realiza, na boca, o *mouthing* de “ou”. Em (36), a surda realiza o sinal de MAS1, com as mãos em configuração de apontamento, localizadas na altura do peito, dedos cruzados que se movimentam em direções contrárias, *mouthing* de “mas” e sobrancelhas franzidas. Em (37), a imagem é de MAS2’, segundo a categorização das variantes por Capovilla (2012) e Rodrigues (2022), com a realização do *mouthing* de “mas” e o arqueamento das sobrancelhas.

Figura 35 – Conjunção manual OU



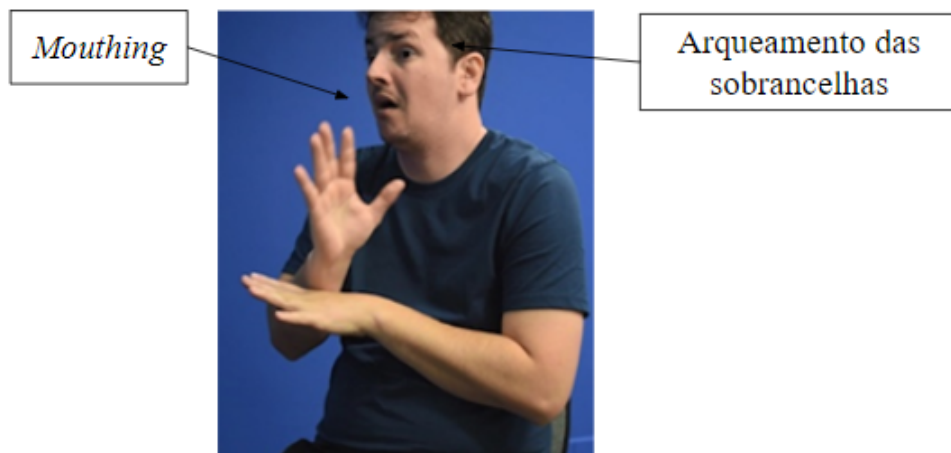
(Fonte: Chiodi, 2020, p. 37)

Figura 36 – Conjunção manual MAS1



(Fonte: Quadros et al., 2023, p. 144)

Figura 37 – Conjunção manual MAS2'

(Fonte: *Corpus de Libras*)

Usamos o programa EXCEL para controlar a frequência dos dados, exportando os resultados diretamente do ELAN. Elaboramos uma planilha para cada tipo de coordenação, com colunas separadas por IDENTIFICAÇÃO, o nome do arquivo, OCORRÊNCIAS, as glosas diretamente copiadas em texto do ELAN, TYPE, o tipo de ocorrência, isto é, se são conjunções, OU, TAMBÉM, MAIS1 ou MAIS3, e MAS1, MAS2 ou MAS3, se são orações justapostas e qual o tipo de coordenação. MARCADORES NÃO-MANUAIS, em que identificamos nas ocorrências os MNMs, como o franzir e o arquear das sobrancelhas, o

movimento do corpo e da cabeça, o *mouthing* e os lábios curvados para baixo. SEMÂNTICA, em que analisamos o sentido veiculado pela utilização do *type*, por exemplo, se o caso de coordenação alternativa é inclusivo ou exclusivo, se a relação de coordenação adversativa é de oposição, retificação, ou contra expectativa. TEMPO, em que momento do vídeo a ocorrência aparece, MÃOS, se o sinal foi realizado com uma ou duas mãos, TRADUÇÃO, a tradução em português disponibilizada no ELAN e COMENTÁRIOS, para observações do pesquisador.

Após a análise dos dados, comparamos os resultados à que chegamos quanto à construção das relações de coordenação, aos resultados encontrados por pesquisadores de outras LS, buscando observar se os casos encontrados em nossos dados se assemelham ou se diferenciam daqueles analisados pelos pesquisadores que embasaram nossa pesquisa. Apresentaremos, assim, uma análise dos aspectos sintáticos e semânticos que compõem as relações coordenadas de adição, contrajunção e disjunção na libras.

Discutimos, nesta seção, as etapas de desenvolvimento da pesquisa, desde a seleção dos corpúsculos, a coleta de dados, sua organização nas planilhas e a análise. Apresentamos os programas e ferramentas utilizados durante a realização da pesquisa, como o ELAN, fundamental para nossas análises, e o EXCEL, usado para a organização das ocorrências encontradas nos corpúsculos. Discorremos sobre o método escolhido, identificando, por meio de imagens, os *types* selecionados para a análise, isto é, o MAIS e o TAMBÉM, da coordenação aditiva, o MAS da coordenação adversativa e o OU, da coordenação alternativa, bem como os MNMs, o arqueamento e franzir das sobrelhas, o movimento da cabeça e os lábios em ferradura.

4. ANÁLISE DE DADOS

Analisaremos, nesta seção, quantitativa e qualificativamente, ocorrências dos três tipos de coordenação, aditiva, alternativa e adversativa. Discutiremos seus aspectos sintáticos, como a construção de sentenças, seja com o uso de conjunção ou por justaposição, os MNMs que, presentes nesse contexto morfossintático, podem possuir uma função gramatical (Liddell, 1980), quanto semânticos, isto é, os significados veiculados pelas sentenças coordenadas. Para tanto, separamos a seção em quatro subseções, em que a primeira, 4.1, descreve os dados coletados de maneira quantitativa, com tabelas, apresentando as ocorrências por tipo de coordenação e os MNMs, enquanto as seguintes se dedicam as análises de dados de maneira qualitativa, apresentando exemplos, com vídeos e imagens, com a segunda, 4.2, dedicada à coordenação aditiva, a terceira, 4.3, dedicada à coordenação alternativa e a quarta, 4.4, aos dados de coordenação adversativa.

4.1 DESCRIÇÃO DOS DADOS COLETADOS

Encontramos, ao todo, 314 dados de coordenação em nosso cópuz, que se dividem em 147 dados do *Corpus de Libras* e 167 dados do Minicópus. Abaixo apresentamos, em duas tabelas, a quantidade dos dados para cada tipo de coordenação, em que a primeira contém os dados do *Corpus de Libras* da UFSC e a segunda, os dados do Minicópus do grupo de pesquisa *SignL*.

Tabela 1 – Dados do *Corpus de Libras*

Coordenação	Número de ocorrências
Adição	83
Disjunção	29
Contrajunção	35
Total de dados	147

(Fonte própria)

Tabela 2 – Dados do Minicópus do *SignL*

Coordenação	Número de ocorrências
Adição	108
Disjunção	24
Contrajunção	35
Total de dados	167

(Fonte própria)

4.1.1 OCORRÊNCIAS POR TIPO DE COORDENAÇÃO

A seguir apresentamos, em tabelas, os dados encontrados segundo o tipo de coordenação. As tabelas (1) e (2) se destinam aos dados de orações aditivas, as tabelas (3) e (4) às orações alternativas e as tabelas (5), (6), (7) e (8), às orações adversativas, nas quais podemos observar os tipos de ocorrência, com conjunção e justapostas, o número de ocorrências encontrado e a porcentagem de cada tipo em relação ao total de dados. As tabelas (7) e (8) evidenciam a quantidade de ocorrências adversativas com conjunção manual, com a frequência dos *types* MAS1 e MAS2, nos dois cópús analisados. Embora tenhamos usado dois cópús e eles possuam naturezas distintas, não há evidências de que as orações analisadas exibem propriedades particulares motivadas pelo tipo de cópús. Desse modo, nossa análise totaliza as ocorrências encontradas nos dois cópús.

Tabela 3 – Ocorrências de adição *Corpus de Libras*

ADIÇÃO		
Tipo de ocorrência	Número de ocorrências	Porcentagem
Com conjunção manual	35	42%
Justapostas	48	58%
Total	83	100%

(Fonte própria)

Tabela 4 – Ocorrências de adição *SignL*

ADIÇÃO		
Tipo de ocorrência	Número de ocorrências	Porcentagem
Com conjunção manual	44	41%
Justapostas	64	59%
Total	108	100%

(Fonte própria)

A análise dos dados dos *cópus* não é comparativa, visto que o objetivo da pesquisa é compreender como se dá o processo de coordenação na libras, a partir dos dados naturalísticos dos surdos em interação. Porém, identificamos uma quantidade maior de dados de adição no *cópus* do *SignL* e isso se deve à característica desse *cópus* que é constituído por narrativas e discurso argumentativo. O *Corpus de Libras*, por sua vez, é constituído por entrevistas, uma dinâmica de perguntas e respostas, com vários momentos de interrupção do fluxo de sinalização dos falantes, enquanto, no *cópus* do *SignL*, essa interrupção não acontece, por se configurarem como vídeos informativos, reflexivos e/ou de resposta à uma discussão da comunidade surda. Nossa hipótese é que a natureza dos vídeos e os gêneros textuais influenciaram a produção de orações coordenadas, o que explicaria uma distribuição diferente no número de ocorrências nos dois *cópus*.

Tabela 5 – Ocorrências de disjunção *Corpus de Libras*

DISJUNÇÃO		
Tipo de ocorrência	Número de ocorrências	Porcentagem
Com conjunção manual	14	48%
Justapostas	15	52%
Total	29	100%

(Fonte própria)

Tabela 6 – Ocorrências de disjunção *SignL*

DISJUNÇÃO		
Tipo de ocorrência	Número de ocorrências	Porcentagem
Com conjunção manual	19	80%
Justapostas	5	20%
Total	24	100%

(Fonte própria)

Tabela 7 – Ocorrências de contração *Corpus de Libras*

CONTRAJUNÇÃO		
Tipo de ocorrência	Número de ocorrências	Porcentagem
Com conjunção manual	31	89%
Justapostas	4	11%
Total	35	100%

(Fonte própria)

Tabela 8 – Ocorrências de contração *SignL*

CONTRAJUNÇÃO		
Tipo de ocorrência	Número de ocorrências	Porcentagem
Com conjunção manual	32	91%
Justapostas	3	9%
Total	35	100%

(Fonte própria)

Tabela 9 – Tipos de contração *Corpus de Libras*

CONTRAJUNÇÃO		
Tipo de ocorrência	Número de ocorrências	Porcentagem
MAS1	25	71%
MAS2	10	29%
Total	35	100%

(Fonte própria)

Tabela 10 – Tipos de contração *SignL*

CONTRAJUNÇÃO		
Tipo de ocorrência	Número de ocorrências	Porcentagem
MAS1	5	16%
MAS2	27	87%
Total	31	100%

(Fonte própria)

Na tabela (9), o número de ocorrências da variação MAS1 é maior que a quantidade apresentada da variação MAS2. Na tabela (10), por sua vez, ocorre o contrário, com o maior número de ocorrências do tipo MAS2. Para entender o porquê isso ocorre, seriam necessárias mais pesquisas, com informações detalhadas dos falantes, pois essa diferença poderia ser resultado de uma variação diatópica, isto é, uma diversidade linguística influenciada pela região de origem dos falantes. Sabemos que o *cópus* da UFSC foi filmado em Santa Catarina, local da universidade, mas não sabemos se os surdos que participaram são da região, assim como não possuímos essas informações sobre os surdos do *cópus* do *SignL*, já que são vídeos publicados na Internet.

4.1.2 MARCADORES NÃO-MANUAIS

Segundo Liddell (p. 2, 1980)²⁶, os MNMs podem possuir diferentes funções, como auxiliar na formação de palavras, uma função lexical, ou serem importantes para a formação de sentenças, uma função sintática, bem como podem funcionar como parte da prosódia da língua de sinais, em uma função comunicativa. À vista disso, surgiu o questionamento, durante nossas análises, se uma oração sem conjunção manual, mas com o uso do *mouthing* de “ou”, “mas” ou “também”, poderia ser considerada uma oração justaposta, visto que o *mouthing* estaria atuando para marcar o tipo de relação entre as sentenças. Quando dividimos os dados em orações com conjunção manual e orações justapostas, com a elaboração de uma tabela para cada tipo de coordenação, decidimos por manter como orações justapostas mesmo aquelas que apresentam o *mouthing* para OU, MAS e TAMBÉM.

Quanto aos MNMs, decidimos por separar a quantidade de ocorrências com *mouthing* das demais, na tabela (11), uma vez que, além de ser muito produtivo, o *mouthing* pode se constituir como a realização do sinal pela representação do movimento da boca da palavra em português, inteira ou apenas uma sílaba, com ou sem som. Assim, nos questionamos quanto ao seu papel sintático na construção da coordenação, principalmente em orações justapostas, visto que substitui o sinal manual na construção de sentido em orações em que as conjunções manuais não estão presentes. Também separamos as ocorrências de *COORD-SHIFT*, o movimento do corpo, por assim como Davidson (2013), Zorzi (2018) e Pfau (2016), o consideramos como um coordenador, que estabelece uma relação de alternância ou adição entre os conjuntos coordenados. Isso não significa, entretanto, que os demais MNMs não atuam de maneira expressiva na relação de coordenação nas línguas de sinais, ou que há uma hierarquia entre eles, mas se configura como uma decisão da autora, para maior clareza de compreensão sobre o uso desses elementos e sua utilização pelos falantes.

Tabela 11 – Ocorrências com *mouthing*

<i>Mouthing</i>			
Tipo de coordenação	Número de ocorrências	Número total de dados	Porcentagem
Aditiva	38	191	20%

²⁶ “They might be involved in word formation — a lexical function. They might be important in sentence formation — a syntactic function. They might also be found to function like tone of voice in spoken language — a communicative but not a grammatical function” (Liddell, 1980, p. 2).

Alternativa	32	53	60%
Adversativa	37	70	53%

(Fonte própria)

Tabela 12 – *COORD-SHIFT*

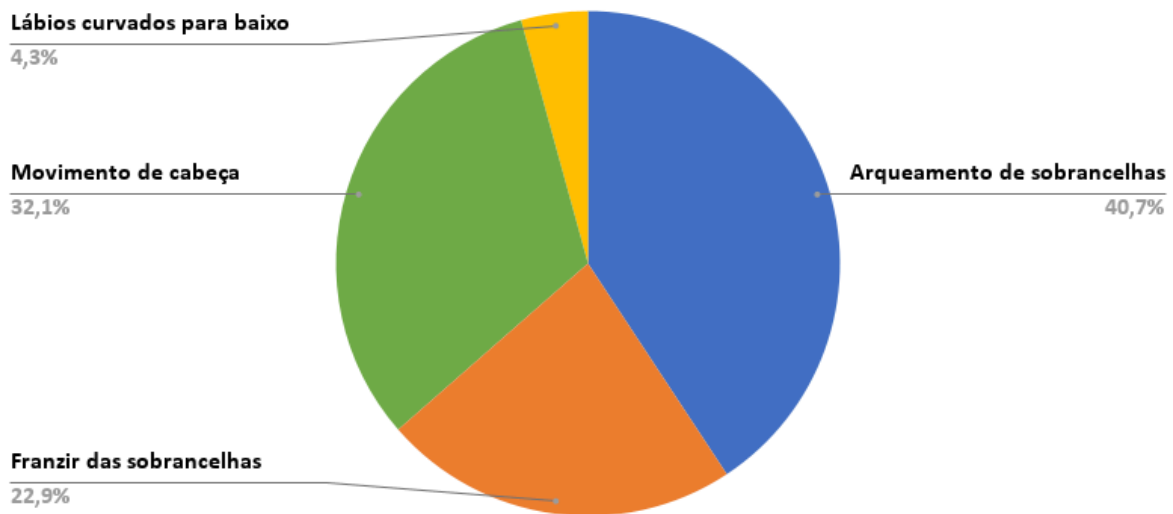
<i>COORD-SHIFT</i>			
Tipo de coordenação	Número de ocorrências	Número total de dados	Porcentagem
Aditiva	10	191	5%
Alternativa	24	53	45%
Adversativa	3	70	4%

(Fonte própria)

Observamos, com a tabela (11), que a realização do *mouthing* é bem expressiva nas relações alternativas e adversativas, com a expressão dos sons de “ou” e “mas”, como palavras inteiras do português ou apenas uma vogal ou sílaba, como “o”, ou “ma”. O *mouthing* aparece, nas construções alternativas, mesmo sem o uso da conjunção manual, o que também é apontado pelas autoras Davidson (2013) e Zorzi (2018). O número de sentenças justapostas adversativas é bem pequeno em nosso córpus, mas nesses casos, não observamos o uso de *mouthing* de “mas” para auxiliar na construção dessas relações, apenas uma articulação semântica, com outros MNMs, como o arquear das sobrancelhas, que leva a interpretação desses dados como contrajunção. Assim, essas ocorrências de *mouthing* associadas à coordenação adversativa, ocorrem, principalmente, com a conjunção manual, MAS.

A tabela (12), por sua vez, nos mostra o uso do *COORD-SHIFT*, isto é, o movimento do corpo para lados opostos do espaço, de modo a coordenar dois eventos. Segundo Davidson (2013), esse elemento pode ser utilizado em contextos que favorecem tanto interpretações aditivas quanto alternativas, o que também identificamos em nossos dados. Ao analisar a tabela, fica evidente que, em nosso córpus, o *COORD-SHIFT* é bem mais produtivo nos casos de coordenação alternativa, sendo pouco utilizado durante a relação de adição, e em raríssimos casos de contrajunção.

Gráfico 1 – Marcadores não-manuais



(Fonte própria)

Liddell (1980), Davidson (2013), Zorzi (2018) e Quadros et al. (2023) debatem o uso dos MNMs enquanto elementos significativos das gramáticas das LS, apontando sua importante atuação na construção das relações de sentido, sejam acompanhados, ou não, de sinais manuais. Ao que concerne à coordenação, Davidson (2013) e Zorzi (2018) apontam o uso do *mouthing*, do movimento da cabeça, o arquear e o franzir das sobrancelhas e os lábios curvados para baixo, como MNMs que podem ser observados nesse contexto, abarcando os seus três tipos, adição, disjunção e contrajunção. Identificamos os MNMs apresentados pelas autoras em nosso *cópus*, como demonstrado pelo gráfico (1), que exprime, de maneira geral, a quantidade de MNMs relacionados à coordenação tanto no *Corpus de Libras* quanto no *Minicópus* do Grupo de Pesquisa *SignL*, que juntos somaram 268 dados de MNMs. Davidson (2013) reforça que os MNMs são elementos indispensáveis das gramáticas das LS, comparando-os, em termos funcionais, à entoação das línguas orais, evidenciando o já dito por Liddell (1980), de que os MNMs podem adquirir até mesmo funções sintáticas no uso da língua:

A marcação não-manual pode ser considerada como análoga à entoação nas línguas faladas: é produzida em simultâneo com as palavras/sinais e tem muitas das mesmas funções que a entoação, marcando tanto a emoção

afetiva quanto às distinções gramaticais, como a topicalização. (Davidson, 2013, p. 15)²⁷.

No gráfico, podemos observar que o arqueamento das sobrancelhas e o movimento de cabeça são mais produtivos em relação aos demais, sendo bem expressivos nas relações aditivas e adversativas. O movimento da cabeça, por exemplo, é mais realizado durante a coordenação adversativa, que nos outros tipos de coordenação, enquanto o franzir das sobrancelhas, que também é observado em vários dados no córpus, aparece bem mais no contexto da disjunção. Assim como afirmam os autores apresentados neste trabalho, os MNMs se configuram como elementos importantes da gramática das LS, com sua utilização em diversos contextos, muitas vezes, atuando na sintaxe dessas línguas. Davidson (2013) e Zorzi (2018) destacam que, em certas situações, a coordenação aditiva e disjuntiva não são claramente diferenciadas, uma vez que essas relações podem ser construídas sem o uso de um conectivo, no caso das LS, a conjunção manual. Assim, os MNMs atuam na desambiguação dessas relações.

Descrevemos os dados coletados, sua quantidade e os tipos de ocorrência, tanto para o *Corpus de Libras* quanto para o minicórpus do grupo de pesquisa *Signl*. Elaboramos tabelas para cada tipo de coordenação estudada, a fim de apresentar as ocorrências com conjunção manual e justaposição, e o total de dados encontrados. Apresentamos, também, tabelas para o *mouthings*, para mostrar sua produtividade nas ocorrências, e para os MNMs, evidenciando sua participação na construção das relações de coordenação.

4.2. COORDENAÇÃO ADITIVA

Davidson (2013) afirma que a coordenação aditiva se dá, nas línguas de sinais sobretudo pela justaposição, com o uso de MNMs e com os coordenadores de uso geral, *COORD-L* e *COORD-SHIFT*. Zorzi (2018) complementa que há línguas de sinais, como a Língua de Sinais Filandesa (FinSI), que utilizam marcadores manuais, como as conjunções, para coordenar termos e orações, ainda que o mais produtivo para as línguas de sinais seja a coordenação assindética. Segundo Tang e Lau (2012) sinais manuais para “e”, “mas” e “ou” podem ser utilizados na Língua de Sinais de Hong Kong (HKLS) pelos surdos, mas correspondem, muitas vezes, à ordem da língua oral, o chinês.

²⁷ “Nonmanual marking can be thought of as analogous to intonation in spoken languages: it is produced concurrently with words/signs, and it serves many of the same functions as intonation, marking both affective emotion and grammatical distinctions such as topicalization” (Davidson, 2013, p. 15).

Quadros et al. (2023, p. 113) também atestam que as orações coordenadas nas línguas de sinais geralmente “se articulam sem a presença de um conectivo”. Mas, assim como a FinSL e a HKLS, a libras apresenta algumas conjunções manuais, que podem ser utilizadas no contexto da coordenação aditiva, alternativa e adversativa. No caso da adição, que discutiremos nesta subseção, identificamos em nossos dados, principalmente, o uso das conjunções manuais MAIS e TAMBÉM, e em relação à disjunção e à contrajunção, as conjunções OU e MAS, respectivamente.

Segundo Quadros et al. (2023, p. 118), “do ponto de vista semântico, o sinal ‘TAMBÉM’ indica inclusão que poderia ser traduzido para o Inglês como ‘*moreover*’ and ‘*also*’. Mas também pode indicar equivalência ou similitude que poderia ser traduzido da seguinte forma: ‘*in the same way*’ and ‘*as well as*’”. Para Silva (2019), o sinal de TAMBÉM é utilizado em contextos de coordenação de orações, sobretudo quando a adição não leva a um resultado específico, enquanto MAIS, é categorizado como adição matemática, aparecendo em contextos específicos em que há um soma de eventos ou ideias que leva a um resultado específico.

Quanto aos MNMs relacionados ao contexto da adição, “em uma grande maioria de casos, observamos um aceno de cabeça estendido que é contíguo ao conjunto, e os limites da cláusula são marcados por um piscar de olhos” (Tang e Lau, 2012, p. 344)²⁸. Zorzi (2018, p. 107)²⁹ explica que, os MNMs “usados para marcar os dois conjuntos na conjunção são o movimento do corpo e da cabeça ou a inclinação para lados opostos do espaço de sinalização para cada conjunto”. Movimento que ocorre tanto nos casos de adição quanto de disjunção.

Esses mesmos marcadores aparecem em orações que são paratáticas sem marcadores manuais, utilizando apenas expressões faciais com elevação das sobrancelhas, olhos abertos, olhos semicerrados, movimentos do torso para frente, para trás ou para um dos lados, movimentos da cabeça de aceno afirmativo, de negação, para frente e para trás ou para um dos lados, direcionamento do olhar. (Quadros et al., 2023, p. 116)

²⁸ “In a great majority of cases, we observe an extended head nod that is coterminous with the conjunct, and the clause boundaries are marked by an eye blink” (Tang e Lau, 2012, p. 344).

²⁹ “The MNMs used to mark the two conjuncts in conjunction are body or head shift or lean directed to opposite sides of the signing space for each conjunct” (Zorzi, 2018, p. 107).



(38) E(esperar) · **PASSADO** · **RUIM** · **LEI** · **TRABALHAR** · **PORQUE** · **ESCOLA** · **ESTUDAR+** · **SURDO** · **OUVIR** · **INCLUSÃO** · **FALAR-ORAL** · **SURDO** · **FALAR-ORAL** · SIM · PARECER · SIM · IX(você) · IMAGINAR · IX(ele) · VER// · ATRAIR · IMAGEM · IMAGEM · E(deixar) · ATRAIR · CAMISA · ATRAIR · **TAMBÉM** · **TAMBÉM** · **LIVRO** · ATRAIR · XXX · CONVERSAR2 · INFORMAR · NADA · DV(fazer-nada) · DV(aceitar-coisa) · **E(então)** · **TRISTE** · **SOFRER** · **DESENVOLVER** · **PERDER+** · E(então) · E(depois) · E(separar)// · E(separar) · AGORA · CONSEGUIR · LÍNGUA-DE-SINAIS · INTÉRPRETE · PRONTO · FALAR-ORAL · OUVIR · INTÉRPRETE · SURDO · VISUAL · DV(ver-labio-e-libras) · LÍNGUA-DE-SINAIS · DV(ver-libras) · BOM · **LÍNGUA-DE-SINAIS** · **PARECER** · **EMOÇÃO** · **EMOÇÃO** · **VISUAL** · **ESCREVER+** · **EXPLICAR** · **ENTENDER** · IX(eu) · SURDO · GRUPO · CONTATO · LÍNGUA-DE-SINAIS · CONTATO · POSSIVEL · OUVIR · SURDO · INCLUSÃO · LÍNGUA-DE-SINAIS · SABER · CAPAZ³⁰

No passado era ruim porque o surdo estudava em escola de ouvintes, com inclusão. Você imagina, ele via e se atraía pelas imagens, pelo uniforme, pelos livros, mas não conseguia conversar, se informar e tinha que aceitar. Por isso, ele ficava triste e sofria, sem se desenvolver. Hoje tem intérprete de língua de sinais, tem a fala para o ouvinte e o intérprete para o surdo. A língua de sinais parece uma emoção visual, é possível escrever, explicar e entender. Eu faço parte de grupo de surdos e o contato pela língua de sinais e a inclusão com ouvintes é possível.

Em (38), temos um exemplo de coordenação aditiva com uso de conjunção, no caso, a conjunção manual **TAMBÉM**, e justaposta, em que há a articulação de eventos sem o uso de conjunção, com as ocorrências destacadas em negrito. O surdo discute sobre a presença dos surdos na escola ouvinte e na escola inclusiva, explicando a diferença entre os dois contextos e a importância das LS para os surdos. A conjunção **TAMBÉM**, nesse caso, articula dois eventos, se atrair pela camisa, ou uniforme, e se atrair pelos livros da escola, com duas orações dispostas simetricamente, uma vez que alterar sua ordem não altera o sentido (Pezatti; Longhin-Thomazi, 2008), o que não ocorre com as demais ocorrências marcadas em negrito.

No primeiro destaque, que começa em **PASSADO** e termina em **FALAR-ORAL**, temos uma relação de coordenação aditiva entre os termos **SURDO** e **OUVIR**, cuja glosa do

³⁰ Exemplo (38): <https://youtu.be/aPDFWzvFCtk> (Corpus de Libras).

segundo corresponde à palavra *ouvinte* em português. O sinalizante explica que no passado era ruim, porque na escola estudavam surdos e ouvintes sem inclusão, assim a relação de adição se constrói no interior de uma oração subordinada de causa. O segundo destaque, entre IX(ele) e IMAGEM, se trata também de uma relação aditiva, que coordena dois eventos, o surdo ver as imagens e se atrair pelas imagens, nesse caso, uma adição assimétrica, que invoca uma temporalidade entre os dois eventos.



mov.cab.

(39) SENTIR · DV(separar) · E(desperar) · SENTIR · IX(eu) · **TAMBÉM** ·
 ANGÚSTIA DEPRESSÃO · DV(acontecer) · LARGAR · VONTADE ·
 DV(não-vontade) · MÊS · E(nada) · LARGAR³¹

Eu me senti desesperado, angustiado e deprimido, o que me fez ter vontade de largar a escola.



SENTIR

DV(separar)

E(desperar)

SENTIR



IX(eu)

TAMBÉM

ANGÚSTIA

DEPRESSÃO

³¹ Exemplo (39): <https://youtu.be/PcLoiHdfMX0> (Corpus de Libras).



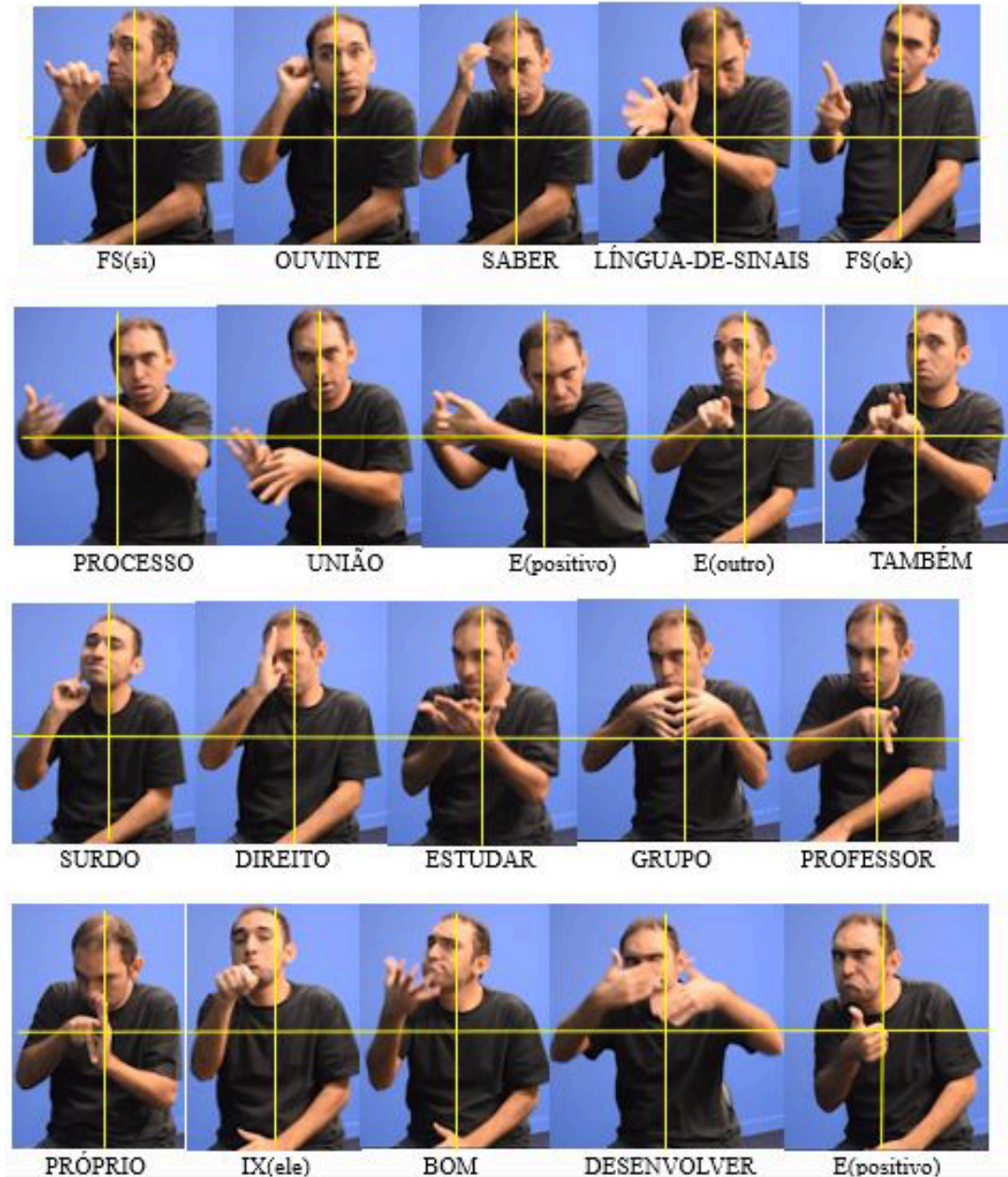
Em (39), há um sentido de adição associado à conjunção manual **TAMBÉM**, quando o surdo fala sobre os seus sentimentos, articulando se sentir desesperado e se sentir angustiado e deprimido, o que o levou à vontade de largar a escola. Temos aqui duas sentenças coordenadas por adição, subordinadas à uma sentença de causa, DV(ACONTECER) LARGAR VONTADE DV(NÃO-VONTADE) MÊS NADA LARGAR, uma vez que a vontade de abandonar a escola ocorre devido a esses sentimentos. Durante a sinalização da conjunção, há a presença do MNM “movimento de cabeça”, que pode ser associado ao contexto de coordenação, sobretudo aditiva e disjuntiva (Liddell, 1980; Zorzi, 2018).



- (40) FS(si) OUVINTE SABER LÍNGUA-DE-SINAIS FS(ok) PROCESSO
lábios.curv.mov.corpo.arq.sob.
 UNIÃO E(positivo) E(outro) **TAMBÉM** SURDO DIREITO
 ESTUDAR GRUPO PROFESSOR PRÓPRIO IX(ele)
lábios.curv.fran.sob.
 BOM DESENVOLVER E(positivo) POSSÍVEL IGUAL MAS COMO
 EXEMPLO SURDO// OUVIR LÍNGUA-DE-SINAIS SABER-NÃO
 SURDO SABER LÍNGUA-DE-SINAIS INCLUSÃO COMO IX(você)³²

³² Exemplo (40): <https://youtu.be/v41x9dwjN9Y> (Corpus de Libras).

Se o ouvinte sabe língua de sinais é bom, o processo de união é positivo. Além disso, o surdo tem direito de estudar em grupo com professor surdo. Assim ele se desenvolverá bem.



A coordenação aparece, muitas vezes, acompanhada de construções subordinadas. É o caso de (40), em que há uma oração condicional, que se inicia por “se”, “se o ouvinte sabe língua de sinais, o processo de união é positivo”. O sinal de TAMBÉM é utilizado aqui para coordenar duas ideias, o processo positivo de aprendizado de surdos, com o ouvinte que sabe LS, e o direito do surdo de estudar com professor próprio, surdo. O sinal que antecede TAMBÉM é o emblema E(outro), que poderia estabelecer, em nossa interpretação, uma

associação semântica de “mais alguma coisa”, auxiliando na construção de sentido de adição. Nas imagens, o quadrante amarelo nos permite observar o movimento do corpo do sinalizante, que se desloca para a esquerda, em E(positivo), ao terminar sua primeira sentença, e se desloca para a direita ao sinalizar E(outro) e TAMBÉM, antes de começar sua segunda sentença, de modo a apontar que esta representa um segundo evento, relacionado ao primeiro.

Por sua vez, em (41), temos uma ocorrência que não se trata de conjunção de orações, mesmo que o sinal utilizado seja a conjunção manual TAMBÉM, pois como nos aponta Neves (2000) e Castilho (2016), as conjunções podem atuar nas sentenças com outros sentidos e funções. No caso de (40), o TAMBÉM atua discursivamente no sentido de adição em relação ao quadro geral do discurso, em que o sujeito se identifica com o outro, somando assim sua própria experiência ao contexto conversacional, nesse caso, o abandono da escola regular por dificuldades de comunicação e aprendizagem. O m. adicionado sobre o sinal da conjunção, representa o *mouthing* de “também” realizado pelo sinalizante surdo.



- (41) IX(eu) ^{m.}TAMBÉM · LARGAR · TAMBÉM · E(então) · IGUAL · SENTIR · DV(sentir-nada) · IX(aquele) · OUVINTE · E(então) · MUDO · E(então) · IX(aquele) · E(então)³³

Eu também larguei a escola. Também me senti assim.



³³ Exemplo (41): <https://youtu.be/8zIE2ay0Epl> (*Corpus de Libras*).



Quanto ao sinal de MAIS, em sua variação MAIS2 e MAIS3, que puderam ser encontradas em nossos corpú, identificamos um uso mais especializado, que em quase todos os casos, apesar de introduzir um sentido de adição, não coordenava orações. O sentido de MAIS em nossos corpú vai de encontro aos exemplos apresentados por Capovilla (2012) quanto ao seu contexto de uso, e à afirmação de Silva (2019), que esse sinal é utilizado em contextos específicos de adição. A seguir temos dois exemplos do uso de MAIS em nossos dados. Em (42), o sinal de MAIS está associado à intensidade, em que menos pelos é indicativo de mais feminino, enquanto mais pelos é indicativo de mais masculino, enquanto em (43), MAIS estabelece uma relação de comparação, na qual letras-libras tem mais valor que Prolibras³⁴.

(42) IX(eu) · PELOS · MUITO/CHEIO · IX(pelos) · NÃO · IX(eu) · MAIS^{m.}
 · MULHER · TER · OUTRO · HOMEM · PELOS+ · PELOS(corpo) · MAIS^{m.} ·
 FS(masculino) · OU · HOMEM · SER · XXX · MAS · DENTRO · HOMEM · GAY ·
 NÃO · # · TER · OUTRO · TREJEITOS · DENTRO · GAY · GOSTAR · HOMEM ·
 ENTENDER · E(então)

³⁴ O Prolibras era uma Certificação Nacional de Proficiência no Ensino da libras, Tradução e Interpretação em libras/língua portuguesa, fornecido pelo MEC e realizado anualmente de 2005 a 2015. Veja o site <https://www.gov.br/ines/pt-br> para mais informações.

Eu não sou cheio de pelos então sou mais feminino, tem outros homens que têm muitos pelos e são mais masculinos, ou o homem é feminino mas não é gay. Gay tem outros trejeitos, gosta de homem, entende.

(43) m.(mais).mov.cab
 DESESPERAR · ANSIOS@ · E(negativo) · PRECISAR · NÃO · **MAIS** ·
m.mov.cab
 VALOR · É · CURSO · LETRAS-LIBRAS · IX(letras-libras) · **MAIS** · VENCER ·
 IX(prolibras) · PROLIBRAS · PRECISAR · DIVULGAR · PESSOA · TOD@S ·
 PRECISAR · NÃO · ESPERAR · PROLIBRAS · E(negativo) · FAZER · CURSO ·
m.(também)
 LETRAS-LIBRAS · **TAMBÉM** · CURSO · BÁSICO · INTERMEDIÁRIO ·
 PROFUNDO · # · **MAIS** · EXPERIÊNCIA · LIBRAS · VÁRIOS-LUGARES ·
m.(também).mov.corpo
TAMBÉM · PÓS-GRADUAÇÃO · LIBRAS · AUMENTAR · FS(ok) · OBRIGAD@
 · ATENÇÃO · E(positivo) ·

Não precisa ficar desesperado e ansioso, porque o que tem mais valor é o curso letras-libras. Letras-libras tem mais valor que prolibras. É necessário divulgar para todas as pessoas que elas não precisam esperar o prolibras, que precisam fazer o curso de letras-libras e cursos do básico ao avançado, ter mais experiência em libras, fazer pós-graduação. Ok, obrigado pela atenção!

Como já discutido em 2.4.3, há outro elemento que pode ser utilizado no contexto das relações coordenadas aditivas e alternativas nas LS, a boia. A seguir, vemos em (44), um caso de uso de boia em que a sinalizante usa o recurso para elencar vários estados de coisas. A glosa IX(um) se refere ao dedo indicador, enquanto IX(médio), se refere ao dedo médio. Liddell (2003) e Davidson (2013) identificam a boia como *LIST-1* e *COORD-1*, *LIST-2* e *COORD-2*, mas respeitamos aqui a escolha de transcrição do cópuz.

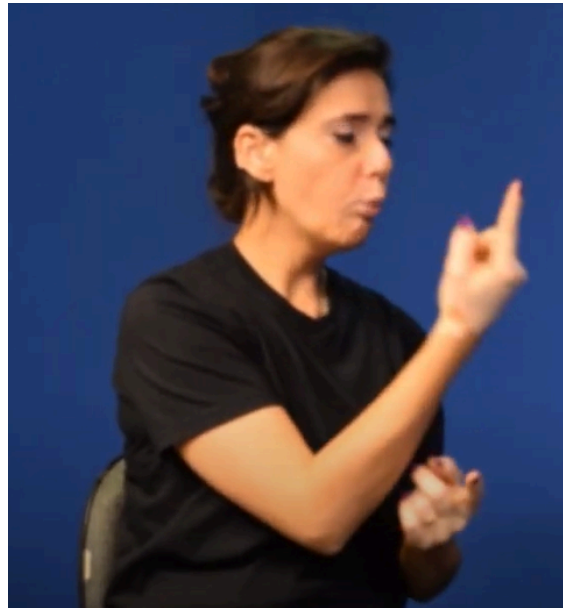


(44) CERTO · MAS · AS-VEZES · SURDO · TIPO+ · EXEMPLO · TIPO ·
IX(um) · EXEMPLO · DEPENDE · MÃE · AJUDAR · E(outro) · **IX(médio)** ·
 TIPO · AJUDAR · INTÉRPRETE · **IX(outro)** · EGOÍSTA · IX(eu) · SABER ·
 IX(eu) · SABER · ESCREVER · E(acabar) · **IX(outro)** · IX(eu) · ESCREVER ·
 PRECISAR-NÃO · NÃO · IX(eu) · CARA-DE-PAU · LÍNGUA-DE-SINAIS ·
 TER · TIPO · VÁRIOS · DV(dúvida) · CONSEGUIR · ESTIMULAR · E(então) ·
 IX(ver) · E(então) · BOM · IX(todos) · SURDO · INTERAGIR³⁵

³⁵ Exemplo (44): <https://youtu.be/OCqbZAaymL8> (Corpus de Libras).

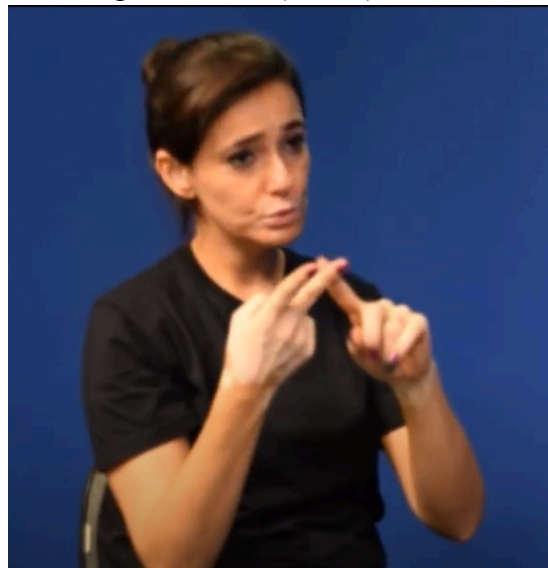
Certo, mas há diferentes surdos, por exemplo, há aquele que depende da ajuda da mãe, aquele que o intérprete que ajuda, aquele que é autossuficiente, sabe escrever, aquele que não precisa escrever, é cara de pau e usa libras, tem vários tipos, a dúvida é se possível conseguir estimular, eu vejo que é bom todos os surdos interagindo.

Figura 38 – IX(um)



(Fonte: *Corpus de Libras*)

Figura 39 – IX(médio) BOIA2



(Fonte: *Corpus de Libras*)

Em (44), o escopo da sentença se constitui por SURDO TIPO+ EXEMPLO, em que o + em TIPO marca a intensidade, mostrando assim que existem muitos tipos de surdos, nesse caso, no contexto escolar. A sinalizante realiza o sinal de IX(um), para apresentar então o primeiro tipo, DEPENDE MÃE AJUDAR, o surdo que depende da ajuda da mãe. Neste momento, não há o apontar do dedo indicador da mão dominante, já que ela é quem realiza o sinal. Mas para introduzir o próximo tipo, com a oração AJUDAR INTÉRPRETE, a sinalizante utiliza a mão não dominante em configuração de dois e aponta para o dedo médio, marcando assim que ela apresentará um segundo tipo de surdo, aquele que é ajudado pelo intérprete.

Durante a sinalização, observamos que seu corpo se desloca para lados diferentes do espaço para sinalizar cada tipo em um lado diferente, localizados pela direção do seu olhar, que acompanham esse movimento. Quando realiza o sinal de E(outro), seu corpo e seu olhar indicam outro local no espaço para marcar que é um tipo diferente que será sinalizado. Observamos o sinal de E(outro) em outras ocorrências aditivas, frequentemente junto do sinal de TAMBÉM, contribuindo para a construção de uma semântica de adição. O escopo da sentença, junto da boia, do uso de E(outro) e do movimento do corpo elencando os diversos estados de coisas, contribuem para uma leitura aditiva do exemplo.

Em (45), o sinalizante discute a importância da luta das pessoas surdas e com deficiência para conquistar direitos e acessibilidade. Ele explica que no passado não havia direitos, ao que introduz seu primeiro exemplo, de que quando o surdo passava em um concurso, o médico não o aceitava para o trabalho, foi preciso uma lei que garantisse esse direito e explicasse que o surdo possuía as habilidades e capacidades para o trabalho. Ao continuar com os exemplos, o sinalizante faz uso da boia, mas nesse caso, podemos observar que sua boia é composta por três dedos, polegar, indicador e médio.

No polegar, apesar de não usar o apontar da mão dominante, está marcado o exemplo das pessoas cegas que conseguiram o direito à acessibilidade na via urbana, CEGO PRONTO LUTAR PRONTO DV(homem-cego-usar-materiais-rua) LUTAR PRONTO, no IX(indicador), já marcado pelo apontar da mão dominante, está colocado os direitos dos cadeirantes no transporte público, CADEIRANTE LUTAR PRONTO ÔNIBUS DV(ônibus-obedecer-lugar-tem-vaga-cadeirante) PRONTO, e por fim, no IX(médio), o direito dos cadeirantes ao elevador nos hotéis, HOTEL FS(hotel) DV(andar-cadeirante) DV(elevador-cadeirante) PRONTO. Como está elencando estados de coisas, entendemos (45) como um exemplo de coordenação aditiva, mas não há nesse caso, o movimento do corpo de

um lado para o outro para sinalizar cada estado de coisa em um local do espaço como em (44).



(45) MAS · AGORA// · PRECISAR · PASSADO · TER-NÃO · PARECER · IX(eu) · CONCURSO · SURDO · ACEITAR · PROIBIR · MÉDICO · PRECISAR · LEI · EXPLICAR// · CURSO · LÍNGUA-DE-SINAIS · CLARO · PRONTO · CEGO · PRONTO// · LUTAR · PRONTO · DV(homem-cego-usar-materiais-rua) · LUTAR · PRONTO · **IX(indicador)** · CADEIRANTE · LUTAR · PRONTO · ÔNIBUS · DV(ônibus-obedecer-lugar-tem-vaga-cadeirante) · PRONTO · **IX(médio)** · TAMBÉM · HOTEL · FS(hotel) · DV(andar-cadeirante) · DV(elevador-cadeirante) · PRONTO · SURDO · FALTAR+³⁶

Mas agora precisa. Parece que no passado não tinha. Eu como surdo aceitava o concurso, o médico proibia, precisou de uma lei, um curso de libras, para ficar claro. O cego lutou, conseguiu acessibilidade, o cadeirante lutou, conseguiu lugar no ônibus, conseguiu elevador para cadeirante nos hotéis, mas para surdo ainda falta.

Figura 40 – IX(indicador)



(Fonte: *Corpus de Libras*)

³⁶ Exemplo (45): <https://youtu.be/di3qA5Jz4ws> (*Corpus de Libras*).

Figura 41 – IX(médio) BOIA3



(Fonte: *Corpus de Libras*)

Apresentamos, nesta subseção, algumas das propriedades formais observadas em nossos corpus, que estabelecem, na libras, a relação de adição. Discutimos o uso das conjunções MAIS e TAMBÉM, com suas especificidades semânticas, e os MNMs associados ao contexto da adição, como o *mouthing*, o movimento do corpo e da cabeça. Também mostramos o uso da boia no contexto da coordenação aditiva.

4.3. COORDENAÇÃO DISJUNTIVA

De acordo com Davidson (2013), Zorzi (2018) e Quadros et al. (2023), as orações coordenadas aditiva e alternativa geralmente são articuladas sem conectivos, porém os falantes utilizam as duas estratégias, a justaposição e o uso das conjunções manuais, associados, nos dois contextos, aos MNMs. A autora afirma que “quando há um marcador manual, junto dele marcas não manuais atuam na expressão linguística, sendo, por vezes, apenas as marcações não manuais suficientes para a expressão sintático-semântica” (Quadros et al., 2023, p. 155). Zorzi (2018) destaca que diferentes estratégias podem ser vistas nas línguas de sinais, como na FinSL, em que predomina o uso da conjunção manual *OR* para marcar a disjunção, enquanto na BSL e na ASL, podem ser utilizados os MNMs e o sinal manual *OR*.

Observamos, nas ocorrências encontradas em nossos corpus, que há o uso das duas estratégias, a marcação da disjunção somente pelo uso de MNMs e do *COORD-SHIFT*, e o uso da conjunção manual OU. O *mouthing* é um MNM bem produtivo nas línguas de sinais, como apontado por Zorzi (2018) quando discursa sobre a disjunção na LSC, o que também podemos observar em nossos dados, principalmente em relação à disjunção e a contrajunção. O *mouthing* também ocorre em dados de coordenação aditiva, sobretudo associado à utilização da conjunção manual. Em alguns casos, o sinal pode ser TAMBÉM, mas o *mouthing* corresponde a outro sinal, como IGUAL, por exemplo, evidenciando, assim, um outro uso para o mesmo sinal, com significados diferentes.

A disjunção na LSC é expressa com o uso de inclinação ou deslocamento do corpo ou da cabeça para marcar dois ou mais NPs ou TPs disjuntos. Outros MNMs, como olhos semicerrados, sobrancelhas franzidas e ambos os lábios curvados para baixo, espalhando-se sobre os constituintes, são necessários, principalmente para expressar o status epistêmico do falante ou de um referente. Além disso, o *mouthing* [o] 'or' produzido entre os constituintes disjuntos é muito produtivo. (Zorzi, 2018, p. 125)³⁷

A seguir, em (46), temos um exemplo, em libras, em que estão presentes alguns dos MNMs apontados por Davidson (2013) e Zorzi (2018), como o *mouthing* de “ou” e o movimento da cabeça, assim como o *COORD-SHIFT*, movimento do corpo de um lado para o outro para marcar a coordenação das orações. Temos também a presença da conjunção manual, aqui glosada como FS(ou), isto é, *finger spelling*, ou em português, a datilologia da palavra “ou”. Identificamos, pelo vídeo, e pelo uso de MNMs, que o sinal glosado como NOME também seria a conjunção manual OU, já que a sinalizante inclina o corpo e a cabeça levemente para o lado direito, com a boca em formato de “o”. As duas ocorrências se dão logo após o uso do sinal TAMBÉM.



(46) IX(eu) · QUERER · ESCOLHER · SALA · SURDO · SÓ · MAS ·
 INTÉRPRETE · PRECISAR-NÃO · TIRAR · SÓ · BILÍNGUE · PRÓPRIA ·
 ENSINAR · SABER · PERSONAGEM · PROFESSOR · MAS · OUVIR · SABER
 · LÍNGUA-DE-SINAIS · POSSÍVEL · ENSINAR · TAMBÉM · NOME ·
 PROFESSOR · IX(ele) · SURDO · SÓ · POSSÍVEL · ENSINAR ·
m.mov.cab.mov.corpo
 DESENVOLVER · E(então) · TAMBÉM/TAMBÉM **FS(ou)** FS(si) IX(eu)

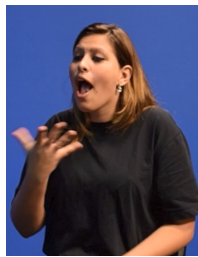
³⁷ “Disjunction in LSC is expressed using body or head lean or shift to mark two or more disjoint NPs or TPs. Other MNMs such as squinted eyes, furrowed eyebrows and both lips curved down spreading over the constituents are necessary, mainly to express the epistemic status of the speaker or of a referent. Moreover, the *mouthing* [o] ‘or’ produced between the disjoint constituents is very productive” (Zorzi, 2018, p. 125).

PROFESSOR · OUVIR · BILÍNGUE · MAS · CONHECER-NÃO · NÃO · SINAL DV(colocar-pessoa) IX(ele) · PRÓPRIA · INSTRUTOR · SABER · E(positivo) · LÍNGUA-DE-SINAIS³⁸

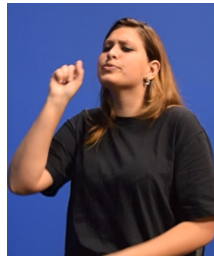
Eu queria escolher uma sala somente com surdos, mas sem um intérprete, pois não precisa, só o professor bilíngue já saberia ensinar. Mas um ouvinte que saiba língua de sinais também pode ensinar, ou um professor surdo, também é possível ensinar. Ou se o professor é ouvinte bilíngue, mas não conhece um sinal, ele pode ter a ajuda de um instrutor que saiba língua de sinais.



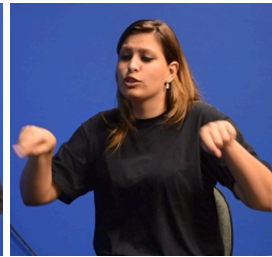
IX(eu)



QUERER



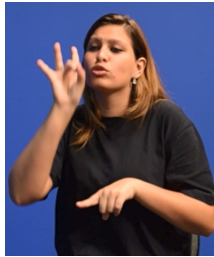
ESCOLHER



SALA



SURDO



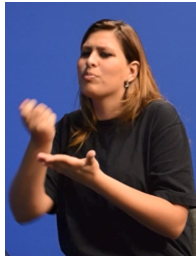
SÓ



MAS



INTÉRPRETE



PRECISAR-NÃO



TIRAR



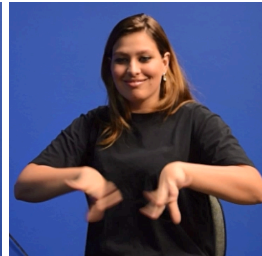
SÓ



BILÍNGUE



PRÓPRIA



ENSINAR



SABER



PESSOA



PROFESSOR



MAS



OUVIR



SABER

³⁸ Exemplo (46): <https://youtu.be/GKA0dMiXRKY> (Corpus de Libras).



LÍNGUA-DE-SINAIS POSSÍVEL

ENSINAR

TAMBÉM

NOME



PROFESSOR

IX(ele)

SURDO

SÓ



POSSÍVEL

ENSINAR

DESENVOLVER

E(então)



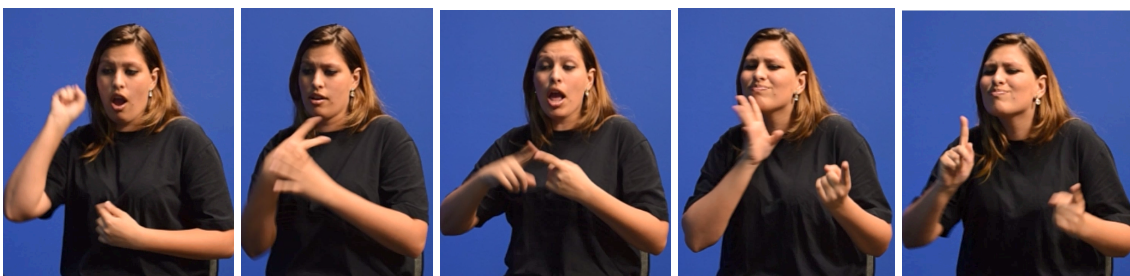
TAMBÉM

FS(ou)

FS(si)

IX(eu)

PROFESSOR



OUVIR

BILÍNGUE

MAS

CONHECER-NÃO

NÃO



SINAL

DV(colocar-pessoa)

IX(ele)

PRÓPRIA



INSTRUTOR

SABER

E(positivo)

LÍNGUA-DE-SINAIS

A sinalizante surda explica que gostaria de escolher uma sala na escola somente com surdos, em que não precisasse de intérprete, pois o professor bilíngue seria suficiente. No que acrescenta, retificando a informação, com o uso de “mas”, que um professor ouvinte que soubesse libras também poderia ser capaz de ensinar os alunos surdos. Ela faz uso de **TAMBÉM**, e de **OU**, para adicionar uma nova informação, a possibilidade, daí a alternância, de que um professor surdo conseguiria ensinar os alunos e fazê-los se desenvolver. E constrói, novamente, a coordenação alternativa, com o uso da conjunção manual **OU** e dos MNMs, ao dizer que se o professor é ouvinte bilíngue, mas não conhece um sinal, pode haver um instrutor de apoio que o ajude. Tanto a primeira quanto a segunda ocorrência de **OU** são inclusivas, acrescentando, de modo positivo, as possibilidades, já que todas podem ocorrer.

- m.mov.corpo.
- (47) INSERIR · NOME · FAMÍLIA · **OU** · NOME · LUGAR · E(então) · LUGAR
 IX(lá) · CASA · E(então) · # · NÚMERO · CELULAR · EXPOR[?] · # · O-QUE+
 · QUERER · PESSOA · CURIOSIDADE · POSS(sua) · VIDA
- m.mov.cab.
- O-QUE · **OU** · IX(você) · VIDA · EXPOR[?] · VIDA · LIVRE · # · SE
 · INSERIR · NOME · FAMÍLIA · NOME ESCOLA · LUGAR
- m.mov.corpo.arq.sob.
- IX(lugar) · ESTUDAR · **OU** · INSERIR · NUMERO TELEFONE **OU** NOME
 E(então) · TANTO-FAZ · LUGAR · TRABALHAR · # · PODER · IX(você) ·
 MOSTRAR · E(então) · EXEMPLO · ROUBAR · VER · TUDO MOSTRAR
- m.mov.cab.
- O-QUE+ · IX(você) · ESCOLHER · VIDA **OU** · MORTE · ENFORCAR
 DENTRO · CASA · FUGIR[?] · E(então) · INTERROGAÇÃO · E(então)

Você insere o nome da família ou o nome do lugar, da casa, o número de celular, você quer que as pessoas tenham curiosidade sobre a sua vida? Ou você quer expor a sua vida? Se você coloca o nome da família, da escola, do lugar onde estuda, ou coloca o número de telefone, ou nome do lugar onde trabalha, você pode mostrar, e você pode ser roubado. Você prefere viver ou morrer? Ser enforcado dentro de casa, ter que fugir?

O exemplo em (47) vai de encontro ao (46), na medida em que, ao articular os conjuntos, a sinalizante utiliza a conjunção manual OU, o *mouthing* e o *COORD-SHIFT*. Além do arqueamento das sobrelínguas e do movimento de cabeça, elementos que Davidson (2013) e Zorzi (2018) apontam como MNMs associados ao contexto da coordenação alternativa nas LS. A falante coordena vários eventos relacionados às redes sociais, “inserir/colocar nome da família”, “inserir/colocar nome do lugar”, “querer que as pessoas fiquem curiosas sobre a sua vida”, “expor a sua vida”, “inserir/colocar o nome da família e da escola”, “inserir/colocar número de telefone”, “escolher vida”, “escolher morte”. Os quatro primeiros “ou” utilizados pela falante expressam um sentido de inclusão, em que ela elenca as possíveis ações realizadas pelo sujeito sobre o qual está discutindo, mas o último, é exclusivo, na medida em que se uma opção se realizar, a outra necessariamente, não o fará, isto é, viver ou morrer.



fran.sob arg.sob.mov.corpo
(48) EXEMPLO · PESSOA · SURDO · OUVIR · SURDO · GOSTAR-NÃO
 · arg.sob.mov.corpo
 LÍNGUA-DE-SINAIS · EXEMPLO · VARIAÇÃO LÍNGUA-DE-SINAIS
m.(ou).arg.sob.mov.corpo
 GOSTAR-NÃO · LÍNGUA-DE-SINAIS · GOSTAR · GOSTAR-NÃO
arg.sob.mov.corpo
 · ORAL · GOSTAR · ORAL · DEPENDE³⁹

Se a pessoa surda ou ouvinte, surda, não gosta de língua de sinais, exemplo, a variação da língua de sinais, não gosta de língua de sinais, gosta ou não gosta da oralização, gosta da oralização, depende.

³⁹ Exemplo (48): <https://youtu.be/-vS58usAwXg> (Corpus de Libras).



ORAL



DEPENDE

Em (48), diferentemente do exemplo anterior, a coordenação disjuntiva se dá sem o uso da conjunção. A sinalizante utiliza principalmente MNMs, como o *COORD-SHIFT*, ao sinalizar as orações coordenadas uma de cada lado do espaço de sinalização, destacados no exemplo, com o uso de *mov.corpo*, acima dos elementos coordenados. Associado ao *COORD-SHIFT*, há o arqueamento e o franzir de sobrancelhas e o *mouthing* de “ou”. Na primeira imagem, a glosa utilizada é *EXEMPLO*, mas observando a configuração de mão e os MNMs é possível identificar que o sinal realizado pela surda é *FS(si)*. A primeira alternância, entre termos, surdo e ouvinte, que não gostam das línguas de sinais, é semanticamente inclusiva, já que os dois podem não gostar da LS, já a segunda, entre orações, é exclusiva, já que esses sujeitos podem gostar ou não gostar da oralização, sendo possível somente uma possibilidade, gostar ou não-gostar.



(49) IX(você) · SABER · ESCREVER · DIFÍCIL · FÁCIL · ESCREVER⁴⁰ fran.sob.

Você sabe escrever, escrever é difícil ou fácil?

⁴⁰ Exemplo (49): <https://youtu.be/-DRpM0eVgvQ> (*Corpus de Libras*).



Em (49), a pergunta feita para o interlocutor pela sinalizante questiona se é difícil ou fácil escrever, com a coordenação alternativa dos dois sinais DIFÍCIL e FÁCIL. A coordenação possibilita um fenômeno linguístico chamado *gapping*, que é o apagamento de itens lexicais correferenciais, assim mesmo que à primeira vista DIFÍCIL e FÁCIL possam ser interpretados como adjetivos, há também a possibilidade de que sejam sentenças, dado que a libras não possui verbo de ligação. Assim, podemos interpretar o exemplo como o que se segue: “escrever é difícil ou escrever é fácil?”. Nesse caso, assim como o anterior, não há a utilização da conjunção manual OU, mas diferentemente de (48), em (49), a interpretação da alternância reside, sobretudo, no contexto, pois não há MNMs como o *mouthing* ou o *COORD-SHIFT* para marcar a disjunção, somente o franzir de sobrancelhas que também pode ser associado a interrogação (Quadros et al., 2023). Interpretamos, em (49), a disjunção como exclusiva, visto que ou é uma coisa ou é outra.

Dedicamos esta subseção à disjunção na libras, abarcando seus pontos sintáticos e semânticos, como a utilização da conjunção manual OU, a produção de orações justapostas e o uso de MNMs, como o *mouthing* de “ou”, o franzir e arquear das sobrancelhas, os lábios curvados para baixo e o *COORD-SHIFT*. Observamos que as ocorrências encontradas em

nossos corpúse se assemelham àquelas apresentadas pelos pesquisadores de LS estrangeiras, como a ASL, a BSL e a LSC.

4.4. COORDENAÇÃO ADVERSATIVA

Segundo Davidson (2013) e Zorzi (2018), sobre as línguas ASL e LSC, a contrajunção, nas línguas de sinais, é geralmente expressa pelo uso da conjunção, o que também observamos em nossos dados. De 70 ocorrências analisadas até o momento, apenas 4 são de justaposição, em relação à 66 que apresentam o uso da conjunção MAS. Esse uso expressivo da conjunção se contrasta com a coordenação aditiva e disjuntiva, em que a justaposição é bem mais saliente. Mas apesar da conjunção, assim como os demais tipos de coordenação, no contexto das construções adversativas, há também o uso de MNMs.

Tang e Lau (2012) e Zorzi (2018) afirmam que a contrajunção, nas LS, pode envolver o movimento do corpo, que vai para a frente e para trás, o aceno da cabeça, e sua inclinação para os lados. Identificamos, em nossos dados, que o arqueamento da sobrelance também é muito produtivo, nos contextos de coordenação adversativa, e, em alguns casos, pode indicar intensidade, associado ao corpo e a cabeça que se deslocam para frente, junto do próprio *mouthings* de “mas”.



(50) FS(si) · INTÉRPRETE · APOIAR · CERTO · FS(si) · INTÉRPRETE ·

mov.cab.m.arq.sob.

AJUDAR · BOM · **E(mas)** AUDITÓRIO · IMPORTANTE · TELEVISÃO ·
E(então) · IX(ele) · ESCOLA · FS(ok) · AJUDAR · INTÉRPRETE · FS(vai)[?]
· PROCESSO · PROFESSOR · MAIOR · VAGA · MAIOR · FUTURO ·
MELHOR · PESSOA · PESSOA2 · PROFISSIONAL · BOM⁴¹ ·

Se o intérprete apoia, ok! Se o intérprete ajuda, é bom, mas o auditório é importante, a televisão. A escola ajuda, o intérprete auxilia no processo. Assim o aluno surdo tem mais vagas, um melhor futuro, é uma melhor pessoa e um bom profissional.

⁴¹ Exemplo (50): <https://youtu.be/xQD5t7Hz2C8> (Corpus de Libras).



FS(si)

INTÉRPRETE

APOIAR

CERTO

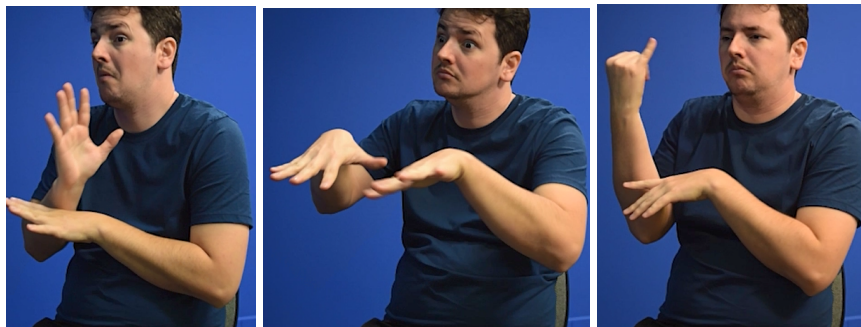


FS(si)

INTÉRPRETE

AJUDAR

BOM



E(mas)

AUDITÓRIO

IMPORTANTE



TELEVISÃO

E(então)

IX(ele)



ESCOLA

FS(ok)

AJUDAR

INTÉRPRETE



FS(vai)

PROCESSO

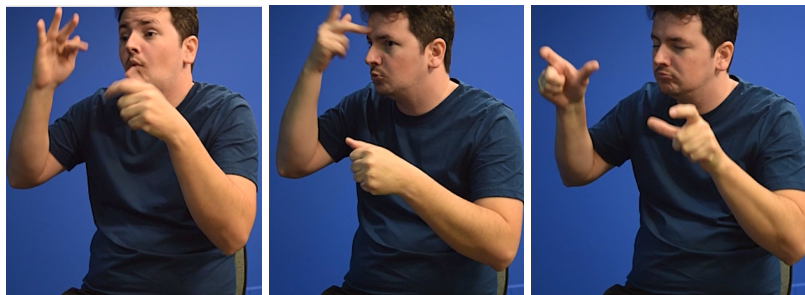
PROFESSOR



MAIOR

VAGA

MAIOR



FUTURO

PESSOA

PESSOA2



PROFISSIONAL

BOM

No exemplo (50), podemos observar que a conjunção MAS atua com valor de retificação. O sinalizante introduz, na primeira oração, que a ajuda do intérprete é boa, mas adiciona, em seguida, retificando essa afirmação, que estar em um auditório é importante para facilitar a compreensão dos surdos do que está sendo interpretado. O sinalizante utiliza a conjunção manual, glosada como E(mas), realizada com uma única mão, a direita, enquanto a esquerda já está na posição para introduzir o próximo sinal, AUDITÓRIO. Há também o uso de MNMs, como o *mouthing*, que expressa a palavra “mas”, sem som, com as sobrancelhas arqueadas, que continuam até o sinal AUDITÓRIO, e o movimento da cabeça que se inclina rapidamente para trás, um MNM muito associado as adversativas (Liddell, 1980; Zorzi, 2018).



[m.arq.sob.mov.cab.](https://youtu.be/EVlszkXhFbl)

**(51) IX(eu) · SONHAR · ESCOLA · SÓ · SURDO · E(positivo) · MAS ·
POUCO · SURDO · SALA · EXEMPLO · 5 · SURDO (IX(aquele)) ·**

[m.arq.sob.mov.cab.](https://youtu.be/EVlszkXhFbl)

IX(aquele) · ESCOLA · OUVIR (IX(aquele)) · MUITO · MAS · TER

[m.mov.cab](https://youtu.be/EVlszkXhFbl)

INSERIR (E(ficar)) · INCLUSÃO · AREA (INCLUSÃO) · 1 MAS ·

E(então) IX(eu) · ENTENDER · COMO · COMUNICAR CAPAZ

IX(aquele) · SUCESSO E(deixar) · IX(aquele) · SURDO · 5 · 1

[m.arq.sob.mov.cab.](https://youtu.be/EVlszkXhFbl)

CAPAZ · SUCESSO · MAS · PROBLEMA · O-QUE · PROFESSOR

BILÍNGUE (Pessoa2) · E(então) · IX(aquele) · ENSINAR · E(todos) ·

BATE-PAPO · INTERAGIR · LÍNGUA-DE-SINAIS · CAPAZ ·

BILÍNGUE · IX(eu) · SABER · E(esperar) · E(depois) · ESCOLA ·

INCLUSÃO-1 · PROFESSOR · BILÍNGUE · DV(duvido)⁴²

Eu sonho com uma escola só com surdos, mas com poucos surdos na sala, por exemplo, 5. Tem muitas escolas de ouvintes, mas tem que ter inclusão. Os 5 surdos são capazes de sucesso, mas o problema é o professor bilíngue, ele iria ensinar a todos, iria interagir em língua de sinais. Eu sei, mas além da escola inclusiva, duvido que haja professor bilíngue.

Em (51), por sua vez, temos quatro ocorrências de MAS, as três primeiras correspondem a MAS1, com as duas mãos em configuração de apontamento, e a última corresponde a MAS2, com ambas as mãos de palmas abertas na altura do peito. É interessante notar que a sinalizante surda utiliza os dois tipos de *mas* no seu enunciado, mas, percebemos que, o último MAS apresenta um grau de intensidade maior que os demais, com a cabeça que se inclina para trás, o *mouthing* de “mas” bem nítido, as duas mãos na altura do peito que se

⁴² Exemplo (51): <https://youtu.be/EVlszkXhFbl> (Corpus de Libras).

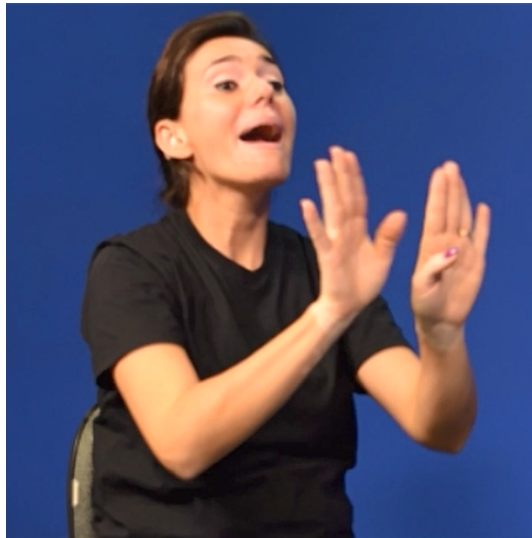
empurram para frente, junto das sobrancelhas arqueadas. Mesmo que os MNMs apareçam junto da conjunção nos MAS de tipo 1, eles são um tanto mais discretos do que os que acompanham o MAS de tipo 2, nesse exemplo específico.

Figura 42 – MAS1 (50)



(Fonte: *Corpus de Libras*)

Figura 43 – MAS2 (50)



(Fonte: *Corpus de Libras*)

A sinalizante afirma que os alunos surdos são capazes de sucesso na escola regular, ao que traz uma nova informação, que vai contra a expectativa gerada pela proposição anterior. Ao dizer que os alunos surdos são capazes de ter sucesso mesmo com a escola de ouvintes,

podemos interpretar que tudo vai bem, é possível para os surdos se desenvolverem, mas a sinalizante traz a informação de que há um problema, a falta de um professor bilíngue que possa se comunicar com os surdos em LS. Isso resgata a pressuposição de que para os alunos surdos se desenvolverem bem, o ideal é aprender em sua própria língua, a LS.

- (52) IX(esse) · CURSO · MAIS · PROFUNDO · SABER · REFLETIR · COMO · FRASES · PALAVRAS · VARIEDADE · DENTRO · LIBRAS · DENTRO · DISCIPLINA · CURSO · SINAL(XXX) · FACULDADE · UNIVERSIDADE · VÁRIOS-LUGARES · MOTIVO · MAIS+ · VALOR · IX(letras-libras) · m.(mas).mov.cab.
LETRAS-LIBRAS · IX(prolibras) · PROLIBRAS · TAMBÉM · ACABAR · MAS
TER · ALGUNS · LUGAR · O-QUÊ · ACEITAR · PROLIBRAS · PROVAR · m.(mas)
EXPERIÊNCIA · SIMPLES · SÓ · E(só) · MAS · CRIAR · PROVA ·
PROLIBRAS · FIM · TER · IX(mec) · FS(mec) · JÁ · DIVULGAR

Em (52), as duas ocorrências de MAS2 são acompanhadas pelo *mouthing* de “mas”, que como já afirmado anteriormente, é bem produtivo nas relações adversativas. Há também o movimento da cabeça, que é levemente jogada para trás. Percebemos, em nossos dados, que na contrajunção, o movimento da cabeça e do corpo, é, em sua maioria, a inclinação para trás, ao invés de para os lados, como ocorre na disjunção e na adição. No primeiro caso, o falante afirma que a formação Prolibras acabou, e introduz uma nova informação, retificando a primeira, de que tem lugares que ainda aceitam o certificado, provando a experiência. No segundo, ele reitera o fim do Prolibras, retificando a informação anterior, apesar do certificado ser aceito, o MEC já divulgou o término do curso.

- (53) IX(eu) · CRIANÇA · PROFESSOR · SURD@ · ENSINAR · LIBRAS2 · ADQUIRIR · ATÉ · HOJE · MUDAR · IX(eu) · PENSAR · NADA · PORQUE · E(então) · IX(eu) · PREFERIR · LIBRAS2 · IX(eu) · DV (olhar-para-si-mesmo) · ERRAR · PORQUE · IX(eu) · RESPEITAR · IX(ele) · PROFESSOR · SURD@ · VELH@ · IX(ele) · IX(eu) · ACEITAR · IX(ele) · PORQUE · ENSINAR · CERTO · E(então) · ADQUIRIR · LIBRAS2 · ESCOLHER · MAS · IX(eu) · mov.corpo
QUERER-NÃO · VOTAR · DEM(isso) · LIBRAS2 · LIBRAS E(basta) ·
VOTAR · É · DAR CONFUSÃO · PORQUE · VOTAR É · E(então) ·
INFLUENCIAR · E(então) · CONFUSÃO · DISCUTIR · INIMIZADE · TUDO

Quando eu era criança meu professor surdo ensinou Libras2 que agora mudou. Eu não pensei em nada porque eu prefiro utilizar Libras2. Eu estou errado porque eu respeito o professor surdo idoso. Eu aceito o que ele me ensinou, então eu escolhi usar Libras2, mas eu não quero votar qual sinal utilizar, Libras2 ou Libras, porque votar é dar confusão, influenciar, discussão e inimizade.

Em (53), é discutido o uso dos sinais para libras, LIBRAS, LIBRAS2, e LIBRAS3. O falante discute sobre uma votação para escolher o uso de um desses sinais, como o ideal para se referir à libras. O trecho escolhido apresenta sua explicação de que quando criança, seu professor lhe ensinou o sinal LIBRAS2, que ele tem como o “certo”, por respeitar o ensinamento de seu professor mais velho. O sinalizante diz que escolheu o sinal LIBRAS2, em informação dada, mas introduz uma informação nova, que se opõe à afirmação anterior, que não deseja votar pela escolha do sinal, tendo contudo, já afirmado uma posição sobre a votação.



(54) **MAS** · IX(aquele) HOJE · ESCOLA · PRÓPRIA · SURDO · TER · PRONTO · TER · MATÉRIAS · LÍNGUA-DE-SINAIS · XXX · HOJE · LIVRO · COISA · PROFESSOR · TER E(colocar) · SURDO TER ·

m.(mas) mov.corpo

LÍNGUA-DE-SINAIS · BILÍNGUE · TER · **E(outro)** ESCOLA · OUVIR TER-NÃO · PRONTO · NÃO · LEI · O-QUE · CRIAR · DISCIPLINA · TER-NÃO · ADAPTAR · TER-NÃO · FALTAR · MATERIAIS · FALTAR · **E(então)** · **COMUNICAR** · **DIFÍCIL** · **COMUNICAR**⁴³

Mas hoje a escola própria para surdos tem prontos os materiais em língua de sinais, tem livros, tem professores. O surdo tem a língua de sinais com professores bilíngues. A escola ouvinte não tem pronto os materiais, falta uma lei que crie uma disciplina, não tem adaptação, faltam materiais, falta comunicação, é difícil se comunicar.

Em (54), apesar da utilização do sinal manual MAS, com *mouthing* de “mas”, ele não atua na coordenação de termos ou orações. Como nos aponta Castilho (2016), “mas” pode, na interação conversacional, marcar a troca de turnos entre os falantes, agregando novos enunciados. “Situado no início da interrupção de fala do locutor anterior, *mas* verbaliza por parte do interlocutor sua percepção do complemento da atividade verbal, e da decorrente necessidade de gerar novas atividades” (Castilho, 2016, p. 352).

Há, nesse exemplo, contudo, uma relação de coordenação adversativa, justaposta, que liga dois eventos opostos, com o sinal E(outro), que introduz a interpretação de que há mais uma coisa e o *mouthing* de “mas”, junto do movimento do corpo, com a sinalização de cada

⁴³ Exemplo (54): <https://youtu.be/475ZBrteCC8> (Corpus de Libras).

conjunto de um lado do espaço. O primeiro evento começa com IX(aquele) e termina em TER, no qual a sinalizante nos explica que na escola própria para surdos, há matérias em língua de sinais, livros e professor bilíngue, enquanto o segundo começa em ESCOLA e termina em COMUNICAR, com a sinalizante falando que na escola ouvinte não há língua de sinais, materiais adequados e a escola não é adaptada, o que torna difícil a comunicação, assim opondo a escola inclusiva à escola de ouvintes.

Discutimos, nessa seção, alguns dados de coordenação aditiva, alternativa e disjuntiva encontrados nos corpúsculos, a fim de apresentar alguns aspectos sintáticos e semânticos da libras, como o uso de conjunções manuais e marcadores não-manuais, bem como a construção de sentido dada pelas ocorrências analisadas. Em nossa última sessão, a seguir, falamos sobre o processo de nossa pesquisa e os caminhos futuros que podemos percorrer para continuar com os estudos sobre a coordenação na libras.

5 CONCLUSÃO

Nossa pesquisa pretendeu apresentar, com base em nossos *córpus*, elementos que contribuem para a construção das relações de coordenação aditiva, disjuntiva e adversativa na libras. Sob uma perspectiva funcionalista dos estudos da língua, olhamos para dados naturalísticos da língua em uso, a fim de investigar os processos de articulação da coordenação, discutindo seus aspectos sintáticos e semânticos. Para tal estruturamos a dissertação em quatro capítulos principais, introdução, fundamentação teórica, metodologia e análise de dados, nos quais discorremos sobre os estudos publicados e em desenvolvimento sobre a área de língua de sinais, com autores nacionais e internacionais, as etapas de trabalho da pesquisa, as ferramentas utilizadas para análise e apresentamos e explicamos exemplos de coordenação na libras.

Escolhemos, para essa pesquisa, dois *córpus*, o *Corpus de Libras* da UFSC e o Minicórpus do Grupo de Pesquisa *SingL*. O primeiro fruto de um projeto sob a coordenação da professora Ronice Quadros, no âmbito da universidade, e o segundo, vídeos espontâneos produzidos por surdos e disponibilizados em suas redes sociais. Por partirem de contextos diferentes, os *córpus* propiciam uma amplitude de observação, contribuindo para o enriquecimento de nossas análises e aprofundamento da pesquisa, mas em nenhum momento pensamos em compará-los, visto que o primeiro segue uma metodologia de pesquisa, e o segundo é composto por vídeos espontâneos e nossas intenções são descrever os fenômenos linguísticos. No *Corpus de Libras* vemos que as discussões giram em torno de questões sobre a comunidade surda, como o uso de transplante coclear e as escolas inclusivas e bilíngues e o quanto esses temas impactam a vida dos surdos, enquanto, no minicórpus, além destes, observamos temas como sexualidade e relacionamentos.

Analisamos esses dados de surdos em interação para investigar os mecanismos sintáticos, como o uso de conjunções, prosódicos, relacionados aos marcadores não-manuais (MNMs), e semânticos, relacionados à construção de sentido nas orações coordenadas, em três tipos de coordenação, aditiva, alternativa e adversativa na libras. Buscamos aferir a frequência dos modos de vinculação, seja por justaposição ou pelo uso de sinais manuais como conjunções, das estruturas coordenadas. Examinamos os MNMs associados aos contextos de coordenação, a fim de observar sua função enquanto elementos que poderiam atuar na sintaxe dos conjuntos coordenados, para marcar as relações entre termos e sentenças. Assim, em nossos dados, buscamos olhar tanto para as conjunções aditivas, MAIS e

TAMBÉM, adversativa, MAS, e alternativa, OU, quanto para os marcadores não-manuais, o arqueamento e o franzir das sobrancelhas, o movimento da cabeça, os lábios curvados para baixo e o *mouthing*.

As relações coordenadas alternativa e aditiva nas línguas de sinais, se dão, predominantemente, pelo uso de MNMs, sem a presença de um conectivo (Quadros et al., 2023; Tang, Lau, 2012; Davidson, 2013; Zorzi, 2018). Em nossos dados, observamos, no entanto, que, em relação às alternativas, são muitas as ocorrências em relação ao total encontrado, de uso da conjunção manual OU. Para compreender esse uso, seriam necessárias mais pesquisas sobre a disjunção na libras, a fim de evidenciar sua motivação. Dada a quantidade de ocorrências encontradas, não é possível formular afirmações categóricas sobre seu uso na libras, apenas indicar os processos encontrados e descrevê-los, incentivando novas pesquisas a respeito da coordenação nas línguas de sinais.

Segundo Davidson (2013), a distinção entre a coordenação aditiva e a alternativa se dá, principalmente, pelo contexto, pelo uso de MNMs, por outros elementos lexicais que podem contribuir para construção de sentido, no caso da ASL, BOTH (ambos) ou EITHER (ou), do que essencialmente pela sintaxe. Visto que o *COORD-L* e o *COORD-SHIFT* são utilizados nos contextos de coordenação aditiva e alternativa, e na maioria das vezes, tanto na ASL quanto na própria libras, não se utiliza a conjunção manual, verificamos, com nossos dados, que o contexto, a semântica e os MNMs são fundamentais para interpretar sentenças aditivas e alternativas.

Na libras, a alternância pode ser expressa tanto pela conjunção manual OU, quanto pela justaposição, com a presença, em ambos os casos, de MNMs, como o *mouthing* de “ou” e/ou “o”, o movimento do corpo, com a sinalização de cada sentença coordenada em lados opostos do espaço, o movimento de cabeça, a direção do olhar que acompanha a sinalização e determina sua localização no espaço, e o franzir e o arquear das sobrancelhas. A alternância também pode ser expressa pelo uso da boia, como discutido em 2.5, em que cada evento coordenado é referenciado por um dedo da mão não dominante do falante. Semanticamente, a alternância nos apresenta duas leituras diferentes, que observamos tanto nos estudos de LO quanto nos estudos de LS, a inclusiva, em que todos os eventos são possíveis, e a exclusiva, em que somente um evento é possível. Essas leituras se dão com base na construção das sentenças coordenadas, que associadas ao contexto e aos MNMs levam o ouvinte a interpretá-las como inclusivas ou exclusivas.

Analisamos, no contexto da coordenação aditiva, o uso das conjunções manuais TAMBÉM e MAIS1/MAIS2, já que, como afirmado anteriormente, não há o uso da

conjunção E em libras, coordenando sentenças. Tang e Lau (2012), Davidson (2013) e Zorzi (2018), no âmbito das relações aditivas, afirmam que a coordenação se dá, principalmente, por justaposição, sem a presença de um conectivo, algo que também observamos em nossos dados. Silva (2019) destaca que, semanticamente, há diferentes contextos de uso para TAMBÉM e MAIS, em que o primeiro é mais amplo, e o segundo mais específico, aparecendo em casos que a adição de estados de coisa leva a um resultado específico. Em nossas análises percebemos que como conjunção, TAMBÉM é mais produtiva que MAIS e seu uso abrange contextos mais diversos, quase não encontramos casos de coordenação com o uso de MAIS como conjunção. A coordenação aditiva também pode ser expressa pela boia, recurso utilizado para elencar diversos estados de coisas, com o auxílio da mão não-dominante. O sinalizante, ao fazer uso da boia, pode se valer de suas estratégias, manter a boia durante a sinalização de toda a sentença coordenada, ou apenas no início de cada oração, para marcar o referente.

Nas sentenças aditivas, como afirmado anteriormente, é possível identificar MNMs como o movimento do corpo, de um lado para o outro, marcando cada oração coordenada em um espaço diferente de sinalização, o olhar que contribui para direcionar onde está localizado o estado de coisa e o movimento da cabeça. Associado ao uso da conjunção TAMBÉM, há o uso do *mouthing* de “também”, em português, a palavra completa ou apenas uma sílaba. Mas sem a conjunção predomina-se o uso do movimento do corpo. As sentenças aditivas podem ser simétricas, em que cada oração está sintaticamente estruturada e semanticamente completa de sentido, em que sua ordem pode ser alterada, sem comprometimento do sentido da sentença, ou assimétrica, em que sintaticamente, continua com sua estrutura organizada, com sujeito, verbo e objeto, mas semanticamente, está implicada, por exemplo, por uma relação temporal, em que a alteração da ordem, altera também o sentido da sentença.

Assim como observado na Gramática de Libras (Quadros et al., 2023), e destacado por Zorzi (2018) sobre a LCS e por Rodrigues (2022) sobre a libras, identificamos em nossos dados, que, na relação adversativa, o uso da conjunção é muito mais frequente que a justaposição, sendo pouquíssimos os casos em que essa relação é expressa somente por MNMs, ainda que esses elementos, assim como nas relações aditiva e alternativa, sejam bem produtivos, auxiliando na construção de sentido. O movimento do corpo também é diferente. Na adição e na disjunção, o movimento se dá de um lado para o outro, da esquerda para a direita ou vice e versa, o que é chamado por Liddell (2003), Davidson (2013), Zorzi (2018) e Pfau (2016) como *COORD-SHIFT*, coordenando cada evento de um lado do espaço.

Na relação adversativa esse movimento se dá para frente e para trás, quase não havendo casos de movimento do corpo de um lado para o outro. Na realização de MAS2 o corpo se impulsiona para a frente, junto das sobrancelhas arqueadas, da boca em *mouthing* de “mas” ou de “ma” e com as duas mãos de palmas abertas para a frente, marcando, assim, de forma bem expressiva, essa relação. Quando o MAS1 é realizado com as duas mãos em configuração de apontação, na posição cruzada na frente do peito, e com movimento de separação dos dedos para lados opostos, também há a possibilidade do movimento para a frente, mas ele é mais discreto. O MAS1 também pode ser acompanhado pelo *mouthing* de “mas”/”ma” e pelas sobrancelhas arqueadas.

Segundo Lakoff (1971), a conjunção *mas*, ao introduzir uma segunda oração, estabelece uma relação que pode ter o significado de oposição/contraste, retificação e contra expectativa, o que também identificamos em nossos dados de coordenação adversativa. Para Rodrigues (2022) esses valores se inter-relacionam, com o sentido de contraste, em alguma medida, atravessando as sentenças coordenadas. Em relação às orações aditivas e alternativas, cujo sentido se constrói para além da sintaxe e do léxico, com a contribuição do contexto, as adversativas estabelecem sua lógica no enunciado.

A conclusão desta pesquisa traz evidências importantes sobre o funcionamento do processo de coordenação na libras, destacando propriedades que aproximam as LS das línguas orais, por um lado, e por outro, demarcam aspectos próprios da modalidade que atuam nos processos de combinação de orações nas línguas sinalizadas. Uma vez que o estudo da sintaxe de predicados complexos se faz tradicionalmente a partir de dados de línguas orais, nossa pesquisa, assim como os demais estudos citados aqui, apontam para a necessidade de incluir aspectos multimodais em pesquisas na área da sintaxe.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKER, A.; BOGAERDE, B. van den; PFAU, R.; SCHERMER, T. (ed.). **The linguistics of sign languages: an introduction**. Amsterdam: John Benjamins, 2016.
- BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: Joseph, B.; JANDA, R. (ed.). **The handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell Publishing, 2003.
- CAPOVILLA, F.; RAPHAEL, W. D.; TEMOTEO, J. G.; MARTINS, A. C. **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2017.
- CASTILHO, A. T. de. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2016.
- CHIODI, S. 2019. **A relação de disjunção na Língua Brasileira de Sinais: uma análise baseada em corpus**. Relatório Científico entregue à FAPESP, processo nº 2019/06329-8.
- CHIODI, S. 2020. **A disjunção na Língua Brasileira de Sinais: aspectos sintáticos e prosódicos em análise**. Relatório Científico entregue à FAPESP, processo nº 2020/06329-8.
- DAVIDSON, Z. K. 'And' or 'or': General use coordination in ASL. **Semantics & Pragmatics**. Vol. 6, p. 1-44, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.3765/sp.6.4>. Acesso em: 10 fev. 2020.
- ELAN (Version 6.2) [Computer software]. (2021). Nijmegen: Max Planck Institute for Psycholinguistics. Disponível em: <https://archive.mpi.nl/tla/elan>. Acesso em: 20 dez. 2019.
- FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática das línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- GESSER, A. **LIBRAS? Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo : Parábola Editorial, 2009.
- GONTIJO, T. A. A.; MORAES, A. H. C. de; BARROS, S. M. de. (Org.) **A surdez e a libras no cenário investigativo científico: contribuições da Universidade Federal de Mato Grosso-UFMT**. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2021.
- JOHNSTON, T.; SCHEMBRI, A. **Australian Sign Language: An Introduction to Sign Language Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- LAKOFF, R. If's, and's and but's about conjunction. In: FILLMORE, J. C.; LANGENDOEN T. D. (ed.). **Studies in linguistic semantics**. New York: Irvington. p. 3-114, 1971. Disponível em: <https://philpapers.org/rec/LAKIAA>. Acesso em: 05 fev. 2023.
- LIDDELL, S.K. **American sign language syntax**. The Hague: Mouton Publishers, 1980.
- LIDDELL, S.K. et al. **Grammar, gesture and meaning in American Sign Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- LONGHIN-THOMAZI, S. R. Gramaticalização de conjunções coordenativas: a história de uma conclusiva. **Gragoatá**, Niterói, v. 11, n. 21, p. 59-72, dez. 2006. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33214>. Acessado em: 02 mar. 2023.
- MAURI, C. **Coordination relations in the languages of Europe and beyond**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008.
- NEVES, M. H. de M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

OLIVEIRA, H. F. Os conectores da disjunção. **Cadernos De Estudos Lingüísticos**, 28, p. 4568. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/cel.v28i0.8636694>. Acesso em: 03 fev. 2020.

OUSHIRO, L. (2014). Transcrição de entrevistas sociolinguísticas com o ELAN. In FREITAG, R. (org.). **Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística**. São Paulo: Editora Edgard Blücher. p. 117-132. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5151/BlucherOA-MCMDS-9cap>. Acesso em: 03 fev. 2020.

PEZATTI, E. G.; LONGHIN-THOMAZI, S. R. As construções coordenadas. In: Moura Neves, M. H.; DalÁglio-Hhattnher, M. (org.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**. Classes de Palavras e Processos de Construção. 1. ed. v. 2. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

PFAU, R. Syntax: complex sentences. In: BAKER, A.; et al. (ed.). **The Linguistics of Sign Languages: An Introduction**, p. 149-172. A'dam: Benjamins, 2016.

QUADROS, R.M.; KARNOPP, L.B. **Língua de Sinais Brasileira**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M.; SCHMITT, D.; LOHN, J. T.; LEITE, T. de A.; e colaboradores. **Corpus de Libras**. Disponível em: <http://corpuslibras.ufsc.br/>.

QUADROS, R. M. de; et al (org.). **Gramática da Libras**. v. 2. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Educação de Surdos, 2023.

RODRIGUES, A. As orações adversativas na Língua Brasileira de Sinais: uma abordagem semântico-funcional. **SENSOS-E REVISTA MULTIMÉDIA DE INVESTIGAÇÃO EM EDUCAÇÃO**, v. VI, p. 90-103, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.34630/sensos-e.v6i1.2562>. Acesso em: 25 jun. 2022.

RODRIGUES, A.; SOUZA, J. C. Gramaticalização do sinal MOTIVO na língua brasileira de sinais: uma análise baseada no uso. **Revista do GEL**, v. 16, p. 53-82, 2019. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/2435>. Acesso em: 03 mai. 2020.

RODRIGUES, A. **Gramaticalização de conjunções na Língua Brasileira De Sinais**: um estudo sobre a mudança linguística nas línguas de sinais. Tese de Livre Docência. Unesp, 2022.

SILVA, C. C. **Coordenação aditiva e adversativa em libras**. 2019. 75 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/38419/1/2019_CintiaCaldeiradaSilva.pdf. Acesso em: 26 nov. 2020.

SKLIAR, C. (org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

STOKOE, W. C. Sign language structure. An outline of the visual communication system of the American deaf. **Studies in Linguistics Occasional Papers 8**. Buffalo: University of Buffalo Press, 1960 [Re-issued 2005, *Journal of Deaf Studies and Deaf Education* 10, 3-37]. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/42658734>. Acesso em: 22 fev. 2024.

STROBEL, K. **História da Educação de Surdos**. Florianópolis: UFSC, 2009.

SWEETSER, E. **From Etymology to Pragmatics**. Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structures. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TANG, G.; LAU, P. Coordination and subordination. In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (ed.). **Sign Language: An International Handbook**. p. 340-365. Berlin: Mouton De Gruyter, 2012.

WATERS, D.; SUTTON-SPENCE, R. Connectives in British Sign Language. **Deaf Worlds**. v. 21, n° 3, p. 1-29, 2005.

ZORZI, G. **Coordination and gapping in Catalan Sign Language (LSC)**. 2018a. 410f. Tese (Doutorado em Linguística e línguas) – Departamento de Tradução e Ciências de Linguagem. Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, 2018.